A LYRA DA MOCIDADE

REDACTORES E COLLABORADORES.

Alexandre José da Silva Braga Junior.
Antonio Fructuoso Ayres de Gouvêa Osorio.
Antonio José d'Azevedo Guimarães.
A. L. S.
Antonio Marques Rodrigues.
A. Moraes.
Arnaldo Anselmo Ferreira Braga
Antonio Teixeira de Macedo.
Claudino Pereira de Faria.
João Antonio Ferreira Rangel.
Jorge Arthur d'Oliveira Pimentel.
José Fructuoso Ayres de Gouvêa Ozorio.
J. Marcellino Mattos.
Louzada & Companhia
Manoel José da Silva Roza Junior.
M. J. X. Souza Guimarães Junior
T. Augusto.

REAL GABINETE PORTUGUÊS DE
LEITURA
RIO DE JANEIRO

A
LYRA DA MOCIDADE
JORNAL
DE
POEZIAS INEDITAS.

TOMO I.

PORTO — Typ. do Eccó,
Rua do Romjardim n.º 649.

1849.

AO SNR.

Alexandre Herculano de Carvalho,

Ornamento da Litteratura Portugueza.

O. D. C.

Os Redactores.

Ignacio & Sigs.

e

Izidoro

Eis ahi terminado o primeiro anno da publicação da Lyra.

Não tivemos poucas difficuldades que vencer, para não vermos morrer ainda no berço o nosso jornal.

Agora porem, que já conta um anno de vida, nutrimos a esperança que não terá morte affrontosa de condemnado, e que caminhará o mais proximo possivel ao perihelio da perfeição. — Oxalá nos não enganemos.

Escriptorio da Redacção, rua do Bomjardim n.° 226.

Director

Manoel Duarte Monteiro

Secretario.

J. Ant.° Gonçalves

INVOCAÇÃO.

Tu, oh Musa dos céus, que meiga inspiras
Aos archanjos do Eterno os sacros hymnos,
Desce á terra uma vez, sobre aurea nuvem
Recamada d'azul, de prata e fogo!....
Rainha da poesia, ao pobre bardo
Vem risonha affagar. Co'as tranças d'ouro
Lh'enxuga o triste pranto da saudade,
E em ternissimas queixas pouco e pouco
Lh'ensina a minorar as mágoas d'alma:
Vem com meigo sorriso, e lédo rosto,
Com travesso folgar, dictar-lhe os carmes,
Concertar-lhe da lyra as aureas cordas,
Dourar-lhe as illusões, dourar-lhe a vida,
Ensinar-lhe na terra os sons dos anjos!
Oh Musa divinal, nos meigos olhos
Traze o fogo dos céus; n-um seu requebro
Lhe abraza o peito, lhe aviventa o estro!
S'elle carpir d'amor, sejam seus versos
Como extremo cantar de brando cysne:
Se alegre descantar d'amor os gozos
Mane dos labios seus o mel celeste.
Anda ensinar-lhe a lêr na luz dos astros:
No susurro dos mares, e da floresta,
No ronco do trovão, mostra-lhe, oh Musa,
A potencia d'um Deus, a voz do mundo:
Vem, inspira-lo: em paga te protesta
Tão doces carmes modular na terra
Que os repitam nos céus os proprios anjos.

6 de Fevereiro de 1847.

Alexandre José da Silva Braga Junior.

Lyra, n.° 1.

FREY JOÃO, O EREMITA.

O' tempora! ó mores!

No tempo em que o castelhano
Louco, atrevido, e ufano
Quiz Portugal dominar —
E que bem a seu pesar,
Vio mallograr o seu plano
De Lisboa conquistar:

Que defendia a cidade
Com valor, e heroicidade
Nobre infante D. João,
A quem mais tarde a nação
Jurou fida lealdade,
E fez rei por eleição:

Um homem de santa vida,
E virtude conhecida,
Em Lisboa appareceu,
Onde muitas provas deu
P'ra sua missão ser tida
Como inspiração do céu;

E como viu vacillante
O valor do nobre infante
Tractou de lh'o despertar —
Ei-lo que o vai procurar,
E com respeito bastante —
Assim começa a fallar:

— «Senhor! eu tenho vivido
Já d'ha muito na soidão,

Onde aos céus tenho impetrado
De meus crimes o perdão:

Sempre na minha oração
Por minha patria pedia,
Pedia aos anjos, aos sanctos
A' Virgem Sancta Maria....

Por que já de longe via
Castigo sobr'ella vir,
Que o nefando castelhano
A queria possuir....

Então Deus me fez ouvir
D'esperanças doce voz —
Que jámais do castelhano
Seremos escravos nós!

Inda que o delicto atroz
De lhe vender a nação
Já foi, Senhor, intentado
Té por luso coração!

Porem será sempre em vão,
Sempre a patria ha-de vencer!
Nas inspirações do céu,
Eu fé constante hei-de ter....

E' pois, senhor, a meu ver
Dever do vosso valor,
Defender a vossa causa,
Ser da patria o defensor:

Os decretos do Senhor
Oh! nobre infante, guardai,
Que adorais a vossa patria,
Agora, agora o mostrai!

A' nação exemplo dai,
Dai-lhe esperanças e fé;
Mostrai-lhe *que a vossa causa*
A causa da patria é....

Mostrai-lhe, senhor, até
Que sereis o vencedor,
Que esses leões de Castella
Temerão vosso valor:

Vereis então ao clangor
Do vosso marcio clarim,
Ajuntar-se n-um momento
Bravos guerreiros.... sem fim!

Escudado então assim
Erguereis vosso pendão:
Sereis então nosso chefe
Sereis rei desta nação!»

Eis já o valente infante
Lhe promette que constante
Vai a patria libertar....
— Antes, antes acabar
Do que ver um só instante
Estrangeiro a dominar!

E chamou os seus guerreiros,
Portuguezes verdadeiros,
E grande batalha deu;
Ao castelhano venceu —
Desses perros traiçoeiros
Virentes louros colheu!

E pelo povo elegido
Dommou sempre temido
No sólio desta nação —

Como o disse o Ermitão,
Que tinha dos céus ouvido
Tão fiel revelação. —

S. João da Foz.

M. J. da Silva Rosa Junior.

A ESTRELLA E A CAMPA.

Ecoute le rècit des peines que je sens!
M. DE LA LANE.

I.

Estrella, oh! como amostras melindrosa
La n-esses céus d'anil a côr da prata!
Brilhando assim, por noute bonançosa,
Como és pura e louçã, como és saudosa,
Oh estrella do céu, quanto me és grata!

Brilhas como a dourada Tantejo'la,
Como branqueja á noite alvo alabastro;
Da natureza a lúcida aureóla
Joia melhor não tem, mal desenrola
A noite o manto seu brilhas, oh astro.

Oh luz d'amor! estrella de saudade!
Facho da solidão, eu te bem-digo!
Quero ver-te a brilhar na immensidade,
E sobre as niveas azas da amisade,
Mandar-te um beijo ao céu, chamar-te *amigo!*

Oh! que brilho que tens! cá sobre a terra
Posso ver-te a brilhar no mez d'Agosto!
Mas se chamo por ti, teu disco erra.....
Desces então do céu, tocas na serra,
E nos montes d'além somes teu rosto:

Socega! que jámais irei saudoso
Com meus rogos d'amor importunar-te;
Brilha, brilha nos céus sempre fermoso,
Eu não te chamarei, não, que amoroso
Quero ver-te a fulgir, quero adorar-te:

Não sabes quanto é grato ao pobre bardo
Ver-te a face gentil, fermosa estrella!
Quanto é grato, ao largar das dores o fardo,
Ver tornar-se anilado um céu já pardo,
Ver-te lusir alli; dizer-se: é ella!

Quando te vejo assim, d'instante a instante
Mais cresce o triste amor que me devora;
Tu m'a fazes lembrar, estrella errante,
Pois s'és da noite o astro mais brilhante,
Ella dos sonhos meus, o foi n-outr'ora.

Era meiga e louçã, como na terra
Nada tão lindo ha — *só ella.... ou nada!* —
Mais linda que a luzinha lá da serra,
Que tudo quanto o céu no gremio encerra,
Mais linda do que tu, mais namorada.

Tu presumpçosa e louca, á noite escura
Miras do céu teu rosto sobre as vagas;
Ella reviu na lympha amená e pura,
De dia e noite a sua fermosura,
Tu só durante a noite alli divagas.

Tu tens rivaes em toda a redondeza;
Milhões d'estrellas, n-essa côrte infinda,
Te disputam o brilho, a gentileza,
Eu com tudo o que tem a naturesa
Ao compara-la sempre a achei mais linda!

Porem ella morreu, na flor da vida,
Como a virente, a candida açucena
Cortada inda ao nascer, e aos céus subida
Roga por nós a Deus: virgem descida
Ella foi lá dos céus, não foi terrena:

Estrella! tu sé acaso o lindo rosto
Nas montanhas d'além fermosa occultas,
Lá surges á manhã, lá vens de gosto
A natureza encher, e em mez d'Agosto
— Fanal da solidão! — nos céus avultas;

Mas ella dorme, á sombra dos cyprestes,
Sob a louza da campa, em soledade;
Seus mimos, sempre candidos, celestes,
Ei-los alli no pó..... olha..... são estes!
Ei-los aqui..... por toda a eternidade.....

Nunca me viste, em noite tenebrosa,
Vir aqui ajoelhar sobre esta louza?...
Gritar... banhar de pranto a campa annosa,
Ai de mim!... té que voz mysteriosa
Do sepulchro me diz: — *ella repousa!* —

Desce oscula-la á campa, radiante,
Com teus raios de luz, oh minha estrella!
Vem.... eu te deixarei beijar-me a amante;
Vem, qu'eu posso tão perto, e tu distante,
Tu, oscular-lhe a louza, eu, chorar n-ella.

Vem.... dize-lhe depois que soffro tanto!
Que de continuo em vão por ella chamo:
Que lhe fallo d'amor.... que vem meu pranto
Banhar-lhe este recinto sacro-santo.....
Dize que depois della ati só amo!

Oh! sim: amo-te muito: hei-de algum dia,
Tecer-te de verbena honrosa palma
Se escutares tão lugubre agonia....
O brilho teu dos céus á terra envia,
Que Deus da terra aos céus chamou su' alma.

Porto 28 d'Agosto de 1847.

II.

Estrella! surges sosinha
Lá n-um céu de puro anil,
Vem reinar como rainha,
Estrella meiga e gentil!
Surges com face de prata,
Mas a noite t'a arrebata,...
Ficas ouro sobre azul:
Como é lindo ver teu rosto,
Assim, por noites d'Agosto,
Quando não foges do sul!

Oh! estrella scintillante!
Meu encanto e meu amor!
Mostra-me a face brilhante,
Com teu frôxo resplendor:
Surge, surge, oh minha bella,
Pois sabes fallar-me *della*
N-essa tão sancta mudez:
— *Ella sumiu-se da terra* —
Tu mo dizes, e na serra
Te somes, por tua vez!

Quanto mais perto t'anhello
Mais de mim vais a fugir —
Nasces lá n-um céu tão bello,
E vais em fogo luzir —
Vais a raiar sobre o cinto

D'esse horisontal recinto
Todo d'ouro, e de carmim:
Vais e foges.... depois tornas,
Sempre o céu risonha adornas
Que teu brilho não tem fim.

E's tão bello, tão fermoso,
Oh astro da solidão!
Oh lume mysterioso,
Arcano da creação!
Todo o mundo quer teu brilho
Por isso vais no teu trilho
Em toda a parte brilhar;
O Senhor assim t'o ordena,
Manda-te, estrella serena,
Outros mundos namorar....

Mas espera!... Quanto és linda?
Quero ver-te astro do céu,
Por essa saphira infinda,
Sem negro, ou nevado veu:
Mas vais a terras estranhas,
E por choças e montanhas
Somes o rosto eternal:
Oh! não vás, que em terra alheia
Talvez tu pareças feia,
Tu, tão bella em Portugal!

Sumiu-se!... oh luz d'agonia
Assim me deixas tão só!
Vem beija-la á campa fria,
De minhas mágoas tem dó:
Manda os teus raios celestes,
Por entre os verdes cyprestes,
Vem ah! vem luzir aqui;
Anda beijar-lhe o jazigo

E dizer como eu lhe digo
— „ *Acorda; surge d'ahi!* „ —

Tu fugiste; e peregrina
Lá surge a lua nos céus —
Vem com a face argentina
Mostrar os encantos seus....
Mas eu despreso essa lua;
Amo só a face tua,
Só teu brilho quero vêr:
N-essa saphira brilhante,
Quero ver-te rutilante
Surgir, reinar e morrer!

Despreso a lua, as estrellas;
A côr do ceu tão louçã:
Despreso as nuvens tão bellas,
Despreso a linda manhã....
Despreso orvalhos, e briza
E a lympha que se divisa
Banhando o lyrio, a cecem:
Despreso a campina, o prado;
O pastor, o manso gado —
Despreso as choças d'além.

Despreso tudo que outr'ora
Com tanto amor adorei:
Despreso o que o mundo adora;
Amo tudo o que odiei:
Esta campa antiga e forte,
D'estes cyprestes da morte
O taciturno docel! —
Amo os mortos, a tristeza,
Amo o herror da natureza,
Como.... o Senhor d'Israel! —

E dizer como eu lhe digo
— *„ Acorda; surge d'ahi! „* —

Tu fugiste; e peregrina
Lá surge a lua nos céus —
Vem com a face argentina
Mostrar os encantos seus....
Mas eu despreso essa lua;
Amo só a face tua,
Só teu brilho quero vêr:
N-essa saphira brilhante,
Quero ver-te rutilante
Surgir, reinar e morrer!

Despreso a lua, as estrellas;
A côr do ceu tão louçã:
Despreso as nuvens tão bellas,
Despreso a linda manhã....
Despreso orvalhos, e briza
E a lympha que se divisa
Banhando o lyrio, a cecem:
Despreso a campina, o prado;
O pastor, o manso gado —
Despreso as choças d'além.

Despreso tudo que outr'ora
Com tanto amor adorei:
Despreso o que o mundo adora;
Amo tudo o que odiei:
Esta campa antiga e forte,
D'estes cyprestes da morte
O taciturno docel! —
Amo os mortos, a tristeza,
Amo o herror da natureza,
Como.... o Senhor d'Israel! —

Amo o silencio nocturno;
Quero ver morrer o sol:
Amo o mocho taciturno
E despreso o rouxinol;
Amo essa luz de saudade,
Que aqui n-esta soledade
Pende alli d'aquella cruz —
Quero aqui sobre esta louza
Onde *minh' alma* repousa,
Prostrado dizer: « *Jesus!* » —

Gosto de beijar a terra
E sobre ella soluçar;
Ver o sitio onde s'encerra,
A' froxa luz do luar:
Gosto até de minhas dôres,
Lembranças dos meus amores,
E de lêr o nome seu!
Quizera abrir-lhe o sepulchro,
Ver seu rosto alegre e pulchro
E dizer-lhe; — « *Olha.... sou eu!* » —

Mas á lua recatada
Com seu aureo-argenteo véu —
Já fugiu àpressurada
Com as estrellas do céu;
Volta oh noite: eu quero vê-la,
Quero amar a *minha estrella*,
Que só com ella vivi:
Não quero o fulgor da aurora
Que, se toda a gente a adora,
Eu vendo-a, digo: — « *morri!* —

31 d'Agosto.

III.

Quando, estrella fermosa, descias
Té ás verdes, gentis serranias
Da saphira tão linda dos céus,
Assentei-me nas penhas erguidas,
Quiz levar-te, ahi, as despedidas,
Quiz n-um beijo d'amor, dar-te a *Deus!*

Tu fugiste louçã e medrosa,
Como virgem d'amor vergonhosa,
Que do timido amante fugiu:
O teu brilho d'estrella-rainha,
Mal apenas luzido lá tinha,
Nas montanhas d'além se sumiu:

Fui depois pelas verdes campinas
Vêr banhar as mimosas bonimas
Mil ribeiros gentis de crystal —
Fui colher a nevada açucena —
Fui, nas sombras da noite serena,
Apanhar as violas do val!

E colhi a fermosa saudade,
E a florinha colhi da amisade
E o nevado, odorante jasmim:
Colhi cravos, e lyrios e rosas,
Madresilvas gentis e cheirosas,
O cheiroso, virente alecrim;

Fui por montes, e serras e penhas,
Por campinas, e prados e brenhas,
A colher alga flor que lá vi ...
Té a florinha louçã das montanhas
Apanhei, n-essas terras estranhas,
Té os goivos da campa colhi:

Fui da hastea da vida arranca-las,
Vim na louza da morte esfolha-las....
Vim aqui seu aroma espalhar —
Vem, estrella, brilhar entre estrellas,
Com teus raios, teu brilho aquece-las....
Com meu pranto as virei rociar.

10 de Setembro.

IV.

Sobre estas penhas erguidas,
Estrella vim-te esperar,
Mas as nuvens denegridas
Por esses céus espargidas,
Não te deixam fulgurar.

Tu não vens, oh minha estrella,
Sobre o teu manto d'azul!
Temes a negra procella?
Encrespa-te a face bella
O fero sopro do sul?

Brilha o raio, na tormenta,
Logo rebomba o trovão —
Que a tempestade acrecenta
Frio horror que mais s'augmenta
C'o brado de *compaixão!*

Eu não rezo..... desgraçado!
Minhas rezas esqueci —
N-este sepulchro sagrado
Crença e tudo! afferrolhado
Tudo que tenho está aqui....

Mas ás vezes no meu canto,
Nos meus versos sei rezar!

Mando ao numen-sacro-sancto,
Como rezas o meu pranto,
Como crença o meu pesar!

Surge, estrella, que surgindo
Tu reinarás lá nos céus —
Vem mostrar teu rosto lindo,
Vem vê-la no somno infindo
Acalentada por Deus!

V.

Estrella! que é de ti? Já não fulguras
Com teu froxo clarão, lá nas alturas,
Como até aqui brilháras tão gentil?
Que é de ti, minha estrella? onde te occultas?
Com meu pesar, meu pranto acaso exultas?
Porque não vens brilhar n-um céu d'anil?

Mas ah! talvez tu brilhes mais sombria,
Até que expire alfim a luz do dia,
Sobre a lucida faixa occidental!
Tu és da noite o seu melhor thesouro,
Mas em doirada faixa aljofar d'ouro
Sumido foi talvez n-esse ouro igual;

Quero esperar que a noite s'adiante,
Que luzas lá no céu como brilhante
Cahido d'um divino resplendor!
Mas a noite lá vem.... eis as estrellas...
Lá surge a lua alfim no meio d'ellas...
Tu só não vens reinar com teu fulgor!

Quantas vezes eu vi, mesquinho e louco,
A faixa do horisonte a pouco e pouco
Ceder a côr do ouro á do carmim!

E depois despar'cer quando fugias,
Ficando-lhe as erguidas serranias,
Como enluctada faixa de nanquin:

Quantas vezes te vi por noite amena,
A brilhar lá nos céus linda e serena
Como candida alampada eternal!
Tu fallavas d'amor, risonha estrella!
Trazias-me sequer lembranças d'ella —
Vinhas vê-la na louza sepulchral!

Quantas vezes não vim apressurado
Sobre esta fria louza recostado,
Aguardar que luzisses n-esses céus!
E tu meiga e louçã, vinhas tão triste
Dizer-me em teu fulgor: « *Olha: ella existe,*
Lá n-essa córte infinda aos pés de Deus!

Quantas vezes tambem não vi teu rosto,
Lá por noite serena, em mez d'Agosto,
De niveo veu coberto em céus d'anil!
Oh! como eu te seguia n-essas eras,
Até que pelas serras te esconderas
Indo brilhar nos mares sobre esmeril!

Mas hoje que é de ti? Aonde ingrata,
Onde levaste o brilho e a côr da prata?
Teu rosto pelos céus não mais reluz!
Fugiste; e assim tão só me abandonaste?
Bemdito oh Deus! que apenas me deixaste,
Na campa a crença, os olhos n-essa cruz!

1.° de Outubro.

Alexandre José da Silva Braga Junior.

UM BEIJO. o Rozinha

Dos labios meus aos labios *d'ella* unidos
Um beijo deslisou,
Amargas dôres, martyrios desabridos
Com seu mel adoçou:
Um beijo.... oh céus! um beijo que *Maria*
Benevola me deu,
Entre as trevas de noite tão sombria
Foi dadiva do céu!
Foi dadiva do céu, prazer celeste
Oh! anjo do Senhor —
N-elle *esperança* candida me déste,
N-elle mè déste *amor*;
Tenha a riquesa o avaro afferrolhada,
Eu d'elle tenho dó;
Thesouros, sceptros, c'rôas, tudo é nada
O meu mundo *és tu só:*
— Quero-te como quer o nauta errante
Propicia viração,
Como ama o desgraçado, o triste amante
Tenebrosa soidão.....
Mas quando terei eu nova ventura
D'um *beijo* teu mer'cer?
Elle d'esta existencia de amargura
Me fará esquecer!
Maria!.... ah! deixa, deixa maviosa
Qu'eu sonhe ind'outra vez.....
Se me occultas a face melindrosa
Irei beijar-te os pés!

S. João da Foz — 1847.

M. José da Silva Rosa Junior.

DEUS!

Senhor, nosso Dominador soberano, que
admiravel é o teu nome em toda a terra!
SALMO VIII.

E' NOITE: — pelas crutas dos rochedos
Brilha a luz do luar;
Entre os troncos, além, nos arvoredos
Retrata vaõs gigantes em folguedos,
Em danças a bailar:

Rapidos chegam, correm, disparecem
Com roupas de marfim!....
Denrinuem agora, agora crecem,
E nos brincos, nos jogos me parecem
Os mortos n-um festim:

O vento, pelas selvas assoprando,
Sentido suspirou;
Aó longe o negro mocho esvoaçando,
Piou tristonho como o miserando
Que ao morrer soluçou:

Oh lugar de tristesa, eu te saúdo!
Quero-te, oh solidão!
Silencio e paz.... Como deserto é tudo!
Ah! sim, é o mundo aqui medonho e mudo
Qual foi na creação!

Adeus! adeus, ó terra, eu te abandono,
Roubo-te o meu amor;
No serro das montanhas tenho um throno;
Onde posso reinar.... eu sou seu dono,
Sou do ermo o senhor!

Lyra, n.° 2.

Meus carmes na soidão irão mais perto
Gemer aos pés de Deus:
A lyra pelas rochas do deserto
Ha-de carpir mais doce, ha-de, por certo,
Como os anjos nos céus:

Longe do rir dos homens, vou sem medo
Meus versos modular;
Ouvi-me vós, oh Deus!... guarde o segredo
As canções com que douro este degredo,
Este longo penar!

Ao ver as ondas de prata,
Vendo as nuvens d'escarlata,
Mais o sol que se retrata
Nas esmeraldas do mar;
Ao ver á noite as estrellas
Tão scintillantes, tão bellas,
Fitando os meus olhos n-ellas
Começo triste a rezar:

Quando nasce a madrugada,
Vendo a relva aveludada,
Vendo a rosa nacarada,
Vendo o lyrio de setim,
Vendo a louçã mariposa
Adejando em torno á rosa,
Rezo, e a prece fervorosa
Leva a Deus um cherubim:

Depois nos céus do Oriente
Larga faixa recendente
De rosas, d'ouro luzente
Vem formar a luz do sol:

A fidalga e a camponesa
Murmuram modesta reza;
Co'os hymnos da natureza
Casa o canto o rouxinol:

Ao longe o sino da ermida
Espalhando a voz sentida,
Cem vezes repercutida,
Pergôa *Deus* ao christão:
Mas cessa o bronze da torre,
O derradeiro ecco morre
Pelo espaço que percorre....
Fica a voz do coração!

Oh! se eu podesse um momento
Nas rijas azas do vento
Ir, lá sobre o firmamento,
Ouvir os anjos nos céus,
Das estrellas namoradas,
Lá n-esses céus espalhadas,
Formara, em letras douradas,
O nome eterno de *Deus!*

Alexandre José da Silva Braga Junior.

A UNS ANNOS.

Em puro céu de saphira
Não vês o sol a brilhar?
Não vês como meigo gira
N-essas extensões do ar?
Não vês como tão fagueiro,
Tão gentil, tão prasenteiro
Parece nos céus sorrir?
E' que hoje celebram-se annos

Que a mais bella, entre os humanos,
Veio no mundo existir!

E' que hoje essa donzella,
A quem dei o meu amor,
Nasceu innocente e bella,
Como nasce a linda flor;
Como verdeja na selva
Entre avelludada relva,
Linda rosa de carmim,
Onde a gentil mariposa
Se vai poisar, orgulhosa
Porque achou um throno assim.

Conta seus annos tão puros
Como os anjos que, nos céus,
Em brandas nuvens seguros,
Sem cessar, louvam a Deus!
Oxalá, casta donzella,
Que, propicia a tua estrella,
Te deixe muitos contar:
E tu, pois, que és tão bondosa,
Em minha trova humildosa
Deixa-m'os hoje cantar:

Que t'envie agora deixa
Um brado do coração:
Não é desastrosa endeixa,
Magoas de negra afflicção;
E' só d'amor um protesto,
Que sincero, e manifesto
Ratifica o trovador:
E' só dizer que te adora,
E que em seu peito vigora
A *Maria* eterno amor.

M. José da Silva Roza Junior.

O MEU VIVER.

Quando o dia raiar vai n-outros povos,
E d'estrellas o céu se vê bordado,
As cadeias quebrar protesto ousado,
Mal surjam lá do sol os raios novos:

Mas nascendo a manhã serena, e pura,
Meu designio cumprir querendo altivo,
O doce encanto que me faz captivo
Em seus laços estreitos me segura.

Os campos núS, cobertos de pobresa,
Já se vestem de rosas e boninas,
Dispersam-se os mortaes pelas campinas,
Contemplando o sorrir da natureza.

Só tu deixas erguer a bella aurora,
E não vens ao jardim das tenras flores
A' rosa disputar as lindas côres,
Com a face mimosa, encantadora.

Objecto para o qual seus votos tendem
Todo o homem se torna; e este objecto
Para mim és só tu: é meu projecto
Obter teus olhos que fugir pertendem.

Amantes mil se tem tornado loucos
Pelo férvido amor: sou-lhes igual....
E tu me sacrificas a um rival!
Meus tormentos serão ainda poucos?

Se todas as manhãs me lisonjeio
Ter a sorte cruel toda esgotado,
Cada manhã me traz, ai desgraçado!
O cumulo da dôr, e meu recreio.

Conheço, infeliz sou, tenho soffrido,
Agora mesmo soffro; heide soffrer, —
Que antes quero penar do que morrer,
Sendo meu coração por ti ferido.

A. L. S.

AS SAUDADES DO BARDO.

C'est quand on a perdu q'on sai comment on aime.
LAMARTINE.

ERA uma tarde calmosa
Do formoso, ardenté estio,
E dos prados se abalava
O balador armentio.

E o sol, globo gigante,
Que em ondas de luz tremia,
Qual se fôra escudo d'oiro,
De seus raios se despia:

E a cortina vaporosa
Qu'o horisonte purpurava
No luminoso ambiente
Os seus raios occultava.

E das serras empinadas,
Que lá ao longe se erguiam,
Um raio de luz ainda
Os pincaros reflectiam.

E as torres do castello,
Dos *Tavoras* senhorio,
Torres que não invejaram
Glorias que teve Dio;

As suas formas gigantes
O céu azul desenhava,
E do dia o raio extremo
Suas ameias coroava.

Aos plainos do ceu subia
A lua silenciosa,
E a luz que não era sua
Diffundia temerosa.

A meiga-estrella da tarde
Triste, pallida a tremer,
Ora se via brilhar,
Ora se via morrer.

E os troncos carcomidos
Com aza negra roçava
O melro assobiador;

E nos ares baloiçando
A cotovia entoava
Um hymno ao Creador;

Na capellinha d'aldêa
A sineta tintinava
A' oração do *Senhor*.

E alli junto da Cruz, padrão do Eterno,
Cuidado scismador no oppresso peito
Vinha sentar se o bardo.

Rallado de tristeza, e de saudade,
Tão longe do seu bem, de quanto amava,
Da patria desterrado.

Fragüas do coração, dá vida os trances,
Negras lembranças de mui negros dias
Na mente lhe pousavam:

Dos olhos macerados, baga a baga,
Lagrimas lhe cahiam, que escaldavam
As faces ressequidas:

E mais que muito ainda o flagellavam
Doces lembranças de passados gozos,
Lembranças mui saudosas!

E momentos tão curtos que passára,
O trocar de palavras amorosas,
E beijos suavissimos!

E da amante na fronte debruçada,
De que as longas madeixas balouçavam,
Seus labios se cravavam.

E aquelle olhar tão meigo, e tão suave,
Os olhos tão do céu, e tão formosos,
Que nos seus se fitavam,

Que traziam do peito quanto havia
Alli de brando amor, e de meiguice,
Thesouro inesgotavel!

E quando ella sentada em seu regaço
C'os braços lhe cingia a cinta airosa,
E ao peito a estreitava!

E na face a ardente face em meigo enlevo
Liam, reliam canticos sonoros
De amenos trovadores!

Por cada verso um beijo se trocava,
Beijo que mil delicias reunia,
Que aos anjos fôra inveja!....

5.....

E tudo isto perdeu, e longe d'ella
A' mingua de prazer vive — se é vida
Existir em saudade.

E o sol fugia,
E alli sentado,
Triste gemia
O desterrado.

Apraz-lhe a treva
Mais do que a luz,
Procura abrigo
Junto da Cruz.

C'o a dôr voraz
O peito aperta,
E no que faz
Já não acerta.

E a Cruz sagrada
Do Homem Deus
Fica estreitada
Nos braços seus.

D'onde vens, d'onde vens, brisa fagueira,
Tão cheia de mysterios, e harmonias,
Refrigerar as mágoas tão pungentes,
Que ao bardo os seios d'alma dilaceram?
E' acaso o *Bulbul* da virgem d'Abydos,
Que sohia cantar nas horas mortas,
Em torno volteando á linda rosa,
As azas vaporosas sacodindo?
Ou por harpas eolias sonorosas
O archanjo roçou co' a ponta d'aza?
Soáriam vibradas por mão d'anjo
Do nebel religioso as cordas d'ouro?

Não — são mais doces suas harmonias:
São suspiros que vem de lá da patria,
E mandados á hora da saudade,
Pela amante tão linda em azas d'anjos:
Suspiros com que as cordas d'alma soam,
E que a magica mão d'amor tempéra.
Harmonias mais ternas que os cantares
Das virgens do *Senhor* no sancto templo.

Bem vindos, sêde bem vindos,
Oh suspiros amorosos,
Doces sons harmoniosos,
Vinde o bardo consolar

E librai-vos nas plumagens
Das innocentes pombinhas,
Das formosas avesinhas,
Vinde o bardo consolar.

Lá das margens do seu rio
A voar correi ligeiros,
Vinde ser os mensageiros
Do mais terno suspirar.

Ah! vinde, vinde lembranças
De saudades do passado,
E ao pobre desterrado
Vinde as magoas mitigar.

Bem vindos, sêde bem vindos,
Oh suspiros amorosos,
Doces sons harmoniosos,
Vinde o bardo consolar.

J. Arthur.

O TRIUMPHO.

I.

— " Cavalleiro, corre á lide,
Vai na liça combater;
Ha quem desprese *seus olhos*,
Quem deteste o seu poder....
Cavalleiro, quem tal pensa
Oh! que não deve viver!

— " Oh! maldito o que se atreve
A despresar seu valor:
Vou punir-lhe o sacrilegio
Como forte contendor;
Chama-me o rancor da affronta,
Chama-me o fogo do amor.

— " Cavalleiro vai na arena,
Vai *por ella* batalhar,
Que é dever de cavalleiro
Por sua dama lidar;
Seus olhos, os olhos *d'ella*
Na lide t'hão-de ajudar.

— " Dai-me as grévas, dai-me o escudo,
Dai-me o ferreo morrião:
Com a cotta d'aço fino
Estreitai-me o coração;
Dai-me a lança, dai-me a espada,
Preparai meu alazão!

— " Cavalleiro, corre á lide,
Vai na liça combater;
Ha quem desprese *seus olhos*

Quem deteste o seu poder.....
Cavalleiro, quem tal pensa
Oh! que não deve viver!

II.

— « Meu ginete das batalhas,
Corre, corre sem parar;
Erriça as crinas ao vento
Vem commigo batalhar:
Corre, vôa: — montes, serras
Traz de nós vemos voar!

— « Cavalleiro, cavalleiro
Assim me deixas, cruel?
Despe o saio, os braceletes,
Deixa a cotta, e teu broquel....
Já não ha perros de Hespanha,
Não ha netos d'Ismael.

— « Ah! *Maria*, por teus olhos
Eu sou forte campeão;
Teus olhos que me venceram
Todo o mundo vencerão:
Tenho-os *por mim*: lá na liça,
Teus olhos por mim serão.....

— « Cavalleiro, em crua lide
Tu vais por mim combater?
Oh! não vás: que n essa lucta
Podes na liça morrer.
Não pensas que é necessario
Que vivas para eu viver?

— « Eu penso nos teus agrados,
No teu rosto de marfim,
Nas tuas madeixas d'ouro,

Nos teus labios de carmim;
Penso em ti e d'improviso
Novas forças sinto em mim! „

Tu, ó donzella fermosa,
Protege o teu lidador;
Dá-lhe força n-um sorriso,
N-um olhor dá-lhe valor:
Como premio da victoria
Dá-lhe protestos d'amor!

— „ Não me deixes, cavalleiro,
Não me vás abandonar:
Qu'eu não posso, de medrosa,
Teu ginete segurar....
Mas se foges (desgraçada!)
Se me foges, vou chorar....

— „ Adeus! adeus, oh donzella!
Novos louros te trarei:
Enxuga os olhos fermosos,
Que vencedor voltarei:
Tua belleza ultrajada,
Linda dama, eu vingarei!

— „ Meu ginete das batalhas
Corre, corre sem parar:
Erríça as crinas ao vento,
Vem commigo batalhar;
Corre vôa: montes, serras
Traz de nós vemos voar!

III.

— „ Quem é, quem é que se atreve
Seus olhos a despresar?
Corra á liça, que, cobarde!

Na terra o verei rojar....
De joelhos, desarmado,
Piedade ha-de bradar!

— « Eia! vamos! cavalleiro;
Chama á liça o teu corcel;
Desce a viseira do elmo,
Cobre o peito c'o o broquel,
Aos olhos da tua dama
Eu por mim, eu, sou revel.

— « Esporea o teu ginete,
Vem, sem medo, pelejar:
Com a lança d'aço fino
Vem teus golpes fulminar;
Com teu escudo de ferro
Vem meus botes sustentar:

— « Com minha ferrenha cotta
Não defendo o coração...
O broquel ei-lo por terra,
As manoplas n-esse chão;
Até levanto a viseira,
Té arranco o morrião!

—«Oh! meu Deus! eis-me vencido:
Contra *ti* não sei lidar:
Mulher! mulher! por piedade
Não me faças perjurar;
Tu venceste: mas agora,
Sabe tambem perdoar.»

Contra o fogo dos teus olhos —
Quaes armas podera opp ôr?
Eu confiava nos *della*,

Nos olhos do meu amor,
Mas teus olhos *vencem tudo*
Com seu magico fulgor!

— « Cavalleiro, quem se atreve
Meus olhos a despresar,
Correndo á liça, cobarde,
A meus pés se vem rojar:
De joelhos, desarmado,
Piedade vem bradar:

IV.

— « Meu ginete, vamos! corre,
Corre sempre a bom correr,
Que teu senhor já vencido
Longe daqui quer morrer:
As mágoas do captiveiro
Longe d'aqui quer soffrer!

— « Cavalleiro, espera, espera;
Os meus louros onde estão?
Em paga do meu soccorro
Dá-m'os, da-m'os, campeão!
Animei-te com meus olhos
Teu braço, teu coração....

— « Oh! que mentes: fui vencido
N-esta lucta succumbí:
Esqueceram-me teus olhos,
Mal os olhos *d'ella* vi:
Sem luctar, como um cobarde,
A seus olhos me rendi! »

Tu tens agrados... mas ella,
Oh! tem agrados sem fim:
Se tens de carmim os labios,

Seus labios são de rubim;
Se é de marfim teu semblante,
O *d'ella* é d'alvo setim:

Sabem seus olhos fermosos
Penetrar no coração:
Matar n-um doce requebro,
N-um sorriso d'affeição....
Os teus olhos *nada sabem*,
Teus olhos só lindos são!

Adeus, donzella fermosa,
Vai procurar novo amor:
Esquece os meus juramentos,
Deixa o pobre lidador,
Que ficou escravo d'ella,
Que te foi... te foi traidor!

— Meu ginete, vamos! corre,
Corre sempre a bom correr,
Que teu senhor já vencido,
Longe d'aqui quer morrer!
As mágoas do captiveiro
Quer longe d'aqui soffrer.

Porto 13 de Fevereiro de 1848.

Alexandre José da Silva Braga Junior.

A CRUZ DO EREMITERIO.

(AO MEU AMIGO *Alexandre José da Silva Braga Junior*)

A solis ortu usque ad accasum
laudabile nomen Domini
PSALMUS 114.

I.

COMO s'ergue esta cruz erma e sósinha
Aqui na solidão!.....
Só nos doces gorgeios a avesinha
Lhe manda uma oração:

E prostrada a seus pés não vem contrita
A zagala rezar;
Nem já na extincta alampada crepita
A luz a scintillar!

Só eu aqui virei na noite escura
Meu destino carpir:
A seus pés deixarei minha tristura
Meu amargo sentir....

Angustias d'alma todas uma e uma
Aqui relatarei;
Jámais a vós, meu Deus, jámais nenhuma
No peito occultarei!

No sagrado salterio a mão d'um anjo
Venha as cordas vibrar —
Desça dos altos céus formoso orchanjo
De belleza sem-par:

E ambos amo a cruz d'este er'miterio
Vos louvem, oh meu Deus!
Um temperando as cordas do salterio,
Outro os carmes dos céus.

Lyra, n.° 3.

Eu, Senhor, a sus cantos sonorosos
Unirei meu trovar:
Em meus versos mesquinhos, humildosos
Vos ousarei cantar!

Ousarei ante vós mandar um rogo,
Uma supplica só.....
Mas.... do meu atrevido desafogo
Oh meu Deus, tende dó!

Ah! fazei que *Maria*, a minha amada
Me não possa olvidar,
Qu'eu, por *ella*, ante a cruz abandonada
Virei sempre rezar!

Oh! cruz, tu para mim penhor do Eterno
Penhor da redempção,
Transmitte ao Grande Deus, ao Deus Superno
Minha humilde oração!....

S. João da Foz, 6 d'Abril de 1848.

II.

Inda mais outra vez, prostrado em terra,
Eu rezo aos pés da cruz.
Em quanto além, nos pincaros da serra,
Geme agoureiro mocho e pia e berra,
Eu chamo por *Jesus*.

Chamo por elle cá do fundo d'alma
Em férvida oração;
Para que lá dos céus m'envie a palma
D'amor, que me assocegue e torne em calma
Minha negra afflicção.

Presbytero do ermo, o vosso canto
Vinde c'o meu unir;
Juntai os vossos hymnos ao meu pranto;
Aqui, ante o cruzeiro sacro-santo,
Vinde *por mim* pedir!

Vinde pedir por mim, pedir *por ella*
Aos anjos do Senhor,
Para que d'agra sorte atroz procella
Jámais sinta a gentil, pura donzella
A quem dei meu amor.

Hosanna, ó cruz! Emblema da victoria
Teu symbolo será!
Sempiterna será tua memoria,
Que anda unida a tua excelsa gloria
A' gloria de Jehová.

7 d'Abril de 1848.

Silva Roza Junior.

A VIOLETA DA SERRA.

Por crutas de rocha,
Na serra sombria,
Gentil desabrocha
Aos raios do dia
Florinha sem par;
Em torno á violeta
Louçã borboleta,
Brincando indiscreta,
Vai leda adejar:

*

A abelha dourada,
Deixando os corticos,
Se vai namorada
Amar-lhe os feitiços,
Fallar-lhe d'amor;
Fugaz passarinho,
Travesso, mesquinho,
Lá forma o seu ninho
Bem junto da flôr:

Nas horas da sesta
Que o sol alli arde,
Vai candida, honesta
A brisa da tarde
Por'hi a gemer;
O dia termina,
A lua argentina
Co'a luz peregrina
A vai aquecer:

Por noite medonha
Gentil perylampo,
Na selva tristonha,
Na relva do campo
Nas trevas reluz;
E corre ligeiro
D'amor prisioneiro
Levar-lhe um luzeiro
Na falta da luz!

Aos raios da aurora
Lustrosa, e bonita,
Se adorna, senhora
De gala infinita,
Mais leda e loução;
Então, brandamente,

Saúda contente
O sol refulgente
A luz da manhã:

O triste viajante,
Que a vista desterra,
A vê vecijante,
Nas fraguas da serra,
E vai-lhe fallar:
— "*Florinha viçosa*,
Que reinas fermosa,
Na serra escabrosa
Tu pódes brotar!

Ah! folga, ó florinha,
Aqui, no deserto:
Fermosa, e sosinha
Dos astros tão perto
Vieste florir! —
Violeta tão bella,
Na triste capella
Da treda donzella
Não vás a sorrir!

Ah! nunca o romeiro
Na serra passando,
Gozando o teu cheiro
Tão doce e tão brando
Te arranque sem dó:
Ficáras na dança,
E mais na folgança,
Sem mais esperança
Sepulta no pó!

Aqui, se murchares,
Florinha innocente,

Irá pelos ares,
Teu cheiro fervente
Aos anjos dos ceus —
Assim os humanos
Deixando os enganos,
Inviam, co'os annos,
As almas a Deus!

14 de Fevereiro de 1848.

Alexandre Braga J.

O SOL D'UNS OLHOS.

Sobre a terra vibrando o sol ardente
Seus raios coruscantes, quando entrava
No Leão, me abrasava.

Por fugir d'este mal n-um bosque ingente
A' doce sombra me assentei cansado,
Respirando anciado:

Eis um fogo mais vivo de repente
Scintilando teus olhos me devora:
Mas se tens compaixão do que fizeste
Chorando terna agora
Vem c'o pranto apagar quanto accendeste.

A. L. S.

ULTIMA VONTADE.

Eu quero o mesmo tumulo.

Vedada aos zoilos, na soidão das trevas
Lá quando a morte accommetter meus dias,

Do rei do êrmo, do cypreste quero
Pallida sombra.

Da patria, a terra que eu amara tanto,
Abrindo os seios não recuse ingrata
Guardar-me os restos que de rojo imploro
Ultima graça;

No chão dos vermes, veneranda estancia,
Rasteiro musgo sob a cruz indique
Final jazigo, onde abraça-la possa
Gelida mãe.

Fev.° 11—1848.

J. Marcellino-Mattos.

OS OLHOS DO MEU AMOR.

Como são meigos e bellos
Os olhos do meu amor;
São azuis, são tão fagueiros,
Tomaram dos céus a côr:

Maria, quanto são gratos
Para mim os olhos teus,
Quando, tão lindos, os fitas,
A sorrir nos olhos meus:

Ah! se travessos os moves,
Com teu gesto divinal,
Mais e mais cresce no peito,
Meu amor, já sem igual:

Sem igual.... que, n'este mundo,
E' raro constante amor:
E' raro saber na terra
Amar como o trovador!

Mas os teus olhos formosos
Como as estrellas do céu,
Para sempre agrilhoaram
O livre coração meu.....

Meu... ah! não: tu o dominas,
E n'elle só tens lugar —
Só a ti, n'este deserto,
Meu coração sabe amar:

Só *por ti*, a quem adoro,
A quem dei minha affeição,
Eu vivo e goso os encantos
Da terrena creação!

Mostra-me teu lindo rosto,
Rosto d'anchanjo do ceu,
Quero ver se leio n'elle
O triste destino meu.

Donzella dos meus amores
Eu quero ver-te a sorrir,
Quero um olhar de teus olhos.....
Quero... mas não sei pedir!

Manda-me uma só *esp'rança*,
Um só requebro d'amor,
Que d'est'alma, que é só tua
Possa minorar a dôr!

Manda-m'os, qu'esses teus olhos
Azuis, como a côr do ceu,
Para sempre captivaram
Meu coração que é só teu.

6 de Fevereiro 1848.

Silva Rosa Junior.

O MEU RECADO.

EMILIA! — quem lá te dera
Um beijo do trovador!
Quem de ti cá me trouxera
Meigo sorriso d'amor!
Quem matasse esta incerteza,
Das saudades a tristeza,
Quem matasse esta duresa,
Estes requintes da dôr?

Vou mandar-te o *meu recado*
Nas azas d'um serafim,
Que te busque apressurado
N'uma nuvem de marfim:
Porem não, qu'elle amoroso,
Ao ver teu rosto fermoso,
Oh! talvez.... e eu sou cioso!....
Já não quero o cherubim.

Vou mandar-t'o pela brisa,
Que anda nos céus a cantar
Qual bella sacerdotisa
Ante as aras a rezar:
Mas não, que ao ver-te tão pura,
Pode roubar-te a candura,
Incitar-te a ser prejura,
Insinar-te a variar!

Vou mandar-t'o, minha bella,
Sobre um astro lá dos céus;
Vou .. mas não! que pode a estrella
Ao vêr os incantos teus, —
Ter ciume, e de raivosa
Crestar-te a face mimosa;

A côr da neve e da rosa,
Roubar-ta co'os raios seus.

Eis lá corre pelos ares
Ligeira nuvem gentil;
Vou mandar-te os meus pezares
Dentro em seu gremio d'anil:
Ah! corre, corre apressada,
Vai buscar a minha amada,
Ao acha-la socegada
Dize-lhe entre affagos mil:

— " E' elle que a ti m'envia,
O teu pobre trovador;
Entre as mágoas da agonia,
Manda-te *um beijo* d'amor...
Vai e volta n'um bafejo,
Trazendo-me d'ella um beijo,
Com que mate este desejo,
Com que minore esta dôr!

Mas não vás importuna-la,
E rasgar-lhe o coração;
Vôa antes procura-la
Sobre as azas d'um tufão:
Pousa-ma depois mais leda
N'esses teus braços de sêda,
Entre as sombras da alameda,
N'esta triste solidão!

Não: corre, corre co'o vento —
Lá pelos campos dos céus;
Quero soffrer meu tormento
Soffrer os desgostos meus —
Que tu, ó nuvem, ao ve-la
Tão innocente, tão bella,

Tu fugias-me com ella,
Hias leva-la ao teu Deus!

17 de Fevereiro 1848.

Alexandre Braga J.

CANTO DA PRIMAVERA.

La terre réprend sa verdure
Le ciel brille de plus beaux feux.
ROUSSEAU.

JÁ' meiga, viçosa, gentil primavera
As veigas de flores vem prestes cubrir;
Nos prados, nos bosques, nas balsas impera,
E toda a Natura parece sorrir.

As cordas da lyra tangendo amoroso,
Um canto de graças modulo ao meu Deus,
Em quanto na terra me curvo humildoso,
S'ilevam meus carmes aos anjos dos céus;

Tu Deus, que nos prados mimosas boninas
E lyrios, e rosas lá fazes brotar,
Encantos espalhas por essas campinas,
Que a lyra do bardo não pode cantar:

Não pode que o homem, gemendo no mundo,
Bellezas do E'den jámais descreveu;
Só estro divino, celestre profundo
Cantara na terra bellezas do céu.

Gentil azereiro, flôrindo risonho
Parece que grato te quer adorar,

Ornando seu cimo, n'outr'ora tristonho,
Se curva, nos prados, á brisa do mar.

Serpeia a corrente por alvos seixinhos,
Beijan do as campinas, banhando o vergel,
Por onde innocentes, gentis cordeirinhos.
Ballando d'alegres lá vão de tropel.

As aves amenas, brincando na selva,
Parecem descantes mandar ao Senhor,
Em quanto, nos montes, sentada na relva,
Formosa zagala só canta d'amor.

Em torno do roble revôa trinando
Gentil tutinegra mimosa canção;
A' tona do arroio lá trina adejando
Fugaz borboleta celeste oração:

São hymnos, são preces das aves os cantos,
Que soam na terra, que echoam nos céus,
Louvando no mundo dos céus os encantos,
São carmes que sobem ao throno de Deus.

E o bardo na lyra que Deus lhe doara
Seus hymnos, seus cantos lhe quer enviar,
Que louvem no mundo quem tudo formára,
Na terra, no inferno, nos céus, e no mar.

S. João da Foz, 26 d'Abril de 1848.

Silva Rosa Junior.

A FOLHA.

(*Arnault.*)

Já' do teu tronco arrancada,
Pobre folha dessecada,
Onde vais? *Eu não n'o sei!*
F'riu o raio fulminante
O carvalho onde brotei.

Com o seu sôpro inconstante
O palerno, o aquilão,
Por aqui me traz errante,
Da serra ao bosque distante,
E das praias ao sertão:

Eu vou onde a cada instante
Me leva o vento cruel —
Onde vai tudo: a formosa,
A murcha folha da rosa,
Secca folha do laurel.

Alexandre Braga.

Porto 23 d'Abril.

O SEPULCHRO DE CHRISTO.

Uma cúpula dentro d'outra cúpula
Levantada no chão,
Adornada de rocha, e duro marmore
— *Sepulchro de Christo* — modesta alveja
Lá junto do Sião!

Sobre a rocha curvado o peregrino
Que alli veio rezar,

Beija a sagrada campa, e, em doces rezas
Vem louvar o seu *Deus*, chama-lo ao mundo....
Vem seus males chorar:

Vem dizer-lhe: — *« Oh Senhor, escuta, attende*
Ao triste peccador,
Que em pranto sobre a pedra do sepulchro
Implora o teu soccorro: ah! tem piedade....
Protege-nos, Senhor!

Depois ergue-se á pressa, e vagaroso
Triste caminha além:
Eis pára inda uma vez, e os olhos volve
Ao tumulo de Christo: — á flor da terra,
Flôr de Jerusalem —

Amargo pranto lhe assomou ao rosto,
Crava os olhos nos céus:
Senhor, Senhor ouvi-me, que na terra
Outra crença não ha ao desgraçado
Mais que o sorrir de Deus!

Assim disse e caminha: as altas torres
Da cidade deixou:
Ao longe lá no cimo das montanhas,
Quasi a tocar no céu, lá no deserto
O misero parou:

Jerusalem, no azul do firmamento,
Já sóme os torreões:
Os minaretos, os jardins, as casas
Parecem lá n'um mar — todo esmeralda —
Nevados galeões:

Inda uma vez nas serras da Judea
O triste quer rezar:

Depois.... ah! para sempre elle abandona
Esse lugar de fé: além caminha.....
Eis chega ao patrio lar:

E junto á meiga esposa, e aos ternos filhos
Alegre se sorriu —
A nova luz da crença, a fé de Christo
Lhes vem dictar, que a pedra d'um sepulchro
N'alma lh'as imprimiu!

Salve, campa dos seculos respeitada,
Signal da redempção —
Eterna mostras a maldade d'homens,
Tu attestas um Deus: — *tu és o livro*
Da crença de Sião!

Se um dia sobre ti for respeitoso
Minhas mágoas carpir, —
Eu bradarei, chorando os meus delictos —
Resurge, oh! Deus, resurge e vem de novo
Este mundo remir.

Ergue-te oh Christo, surge radiante
De refulgente luz —
Vem arreigar na terra a crença eterna,
Amostra ao mundo, oh Deus, os teus martyrios,
Mostra-lhe a tua Cruz!

S. B.

UM DIA D'ANNOS.

(A J.)

Tão longe e tão triste quem ledo podera
Galgar as distancias, o espaço transpôr!

Cubrir-te de beijos a fronte quizera,
Depôr-te no peito uma rosa d'amor;

Mil vidas daria por isto sómente,
Apoz dura ausencia, tormentos sem fim,
De gloria um futuro ingeitára contente
Por ver-te, meu anjo, bem junto de mim.

Meu fado o prohibe; ahi te mando a saudade,
Saudade que os dias mal deixa viver;
Recebe coitada nos viços da idade
D'amor as primicias — o fél do prazer!

Coimbra — Janeiro 21 — 1848.

J. Marcellino-Mattos.

QUE FIZESTE?

Um beijo teu, na terra, entre a procella,
E' luz d'esp'rança ao nauta no deserto
D'encapelladas ondas; meiga estrella
Ao desterrado, que com passo incerto,
Busca por ella, a natalicia terra;
Um beijo teu.... mas louca, que fizeste?
Não sabes, malfadada,
Que n'um beijo d'amor tu me perdeste?
Que tens em dura guerra,
De luctar contra mim, ou bondadosa,
Por penhor d'affeição —
Matar-me a cada instante com teus beijos
Doces desejos, ou cruenta e irada,
Aos meus pedidos responder-me, não!

S. B.

A CITHARA E O PLECTRO.

AMALIA — quando nasceste
Aurea cithara formosa
Deo-te um anjo do Senhor;
Tu, niyea pomba, cresceste
Folgasã, bella e mimosa,
Mas sempre isenta d'amor:

A tua cithara d'oiro,
Não n'a sabias tanger:
Era o teu melhor thesoiro
Que a ninguem deixavas ver.

Um dia.... não te recordas?
Tinhas da bellesa o sceptro
Entre as damas do festim;
Quizèste *ferir-lhe* as cordas,
Porem faltava-te um plectro,
Alvo plectro de marfim!

Tu sombria t'encostaste
A's columnas do salão:
Os olhos no chão cravaste,
A dextra no coração.....

Eras rainha na festa;
E nos jogos, na folia
Ninguem, ninguem te ganhou —
Que tu, formosa e modesta,
Cá na terra então par'cias,
Anjo que dos céus baixou:

Mal te vi, perdi-me logo;
Doudejei só de te ver:

Sentí um volcão de fogo,
Dentro no peito a ferver....

.....

Dei-te um osculo no rosto,
Abracei-te.... e os ternos beijos,
Os *abraços* ninguem viu!
Mitiguei o teu desgosto,
Tu creaste os meus desejos....
Mas -- breve o tempo fugiu!

E prolongava-se a dança,
As folias do festim....
Crescia mais a folgança!
Nunca vi prazer assim.

Nós no festejo perdidos,
Entre os jogos despresamos
D'essa festa o resplendôr:
Busquei *teus olhos* queridos,
E só nos olhos fallamos
Celestes fallas d'amor:

A tua cithara d'oiro
Ai de mim! qui-la tanger....
Cedeste-me o teu *thesoiro*
Que ninguem podera vêr!

Levei-te por entre a dança,
Por salões e corredores,
Até onde.... nem eu sei!
E bem longe da folgança,
Sobre alcatifa de flôres,
A tua *lyra* toquei!

Um e um os seus arpejos,
Soaram no coração —
Paguei-te com doces beijos....
Minha fatal perdição.

O que eu toquei n'esse dia
(Que tão bondosa te vira)
Não n'o toquei nunca mais:
Nem eu quero, nem sabia,
Que o meu plectro n'outra lyra
Não tira sons divinaes.

A tua cithara d'oiro,
Ah! quem m'a mandou tanger!?
Oxalá que o *teu thesoiro*
Nunca eu chegasse a vêr!

Março — 1847.

Alexandre Braga.

O LYRIO DO PRADO.

(A' Exm.ª Snr. D. Anna C. G. L.)

Ah! folga, oh florinha,
Aqui, no deserto....
Fermosa, e sósinha
Dos astros tão perto
Vieste florir!

Alexandre Braga.

Mimosa flôr, que no prado
Foste tão linda nascer,
O teu brilho enfeitiçado
Quem n'o póde conhecer?

*

REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA
RIO DE JANEIRO

Acaso, por hi sosinha,
Fenecerás, pobresinha,
Sem te adorar o zagal?
Sem que a pastora formosa,
Te venha ver pressurosa
O teu calix de crystal?

Só a subtil mariposa
Que vôa de flôr, em flôr,
Virá nescia e caprichosa
Cantar-te carmes d'amor?
Linda abelha susurante
Virá, d'enxame distante
No teu seio repousar?
Em torno de ti voando
A parda rola, rolando
Aqui te virá saudar!

Tambem junto ati o bardo
As mágoas virá carpir,
Quando no céu inda pardo,
Não se veja o sol sorrir:
Ao raiar da madrugada
Pensando na sua amada,
Virá saudar a manhã:
Virá saudar-te contente
Nevado lyrio innocente,
Nivea florinha louçã!

Quanto és bella flôr mimosa!
Como é linda a tua côr!
Roubaste o fulgor á rosa,
Roubaste á neve o candor —
Sobre a relva verdejante
Tremulas tão radiante
Como o ouro sobre azul:

PEÇA SUBMETTE PERTENCE DE
LEITURA
PRO DE JANEIRO

Fulge, fulge, e não permitta
De Deus bondade infinita,
Que t'esfolhe o vento sul.

Nem por noite de procella,
Nem por tarde de calor,
Tu ficarás menos bella
Oh mimosa, e meiga flor:
Ahi no teu calix d'oiro,
Depositas um thesoiro,
Que te dará fresquidão:
São esses floccos de néve
Que, oh flôr, teu calix deve
Da manhã á viração.

Vive, vive, flôr nevada
Que é tão doce o teu viver:
Tu és por todos amada
Todos gostam de te ver:
Não soffreste a desventura,
Não sabes o que é tristura
Nem soffres acerba dôr:
Só o bardo, n'este mundo,
Tem um penar tão profundo
Em paga do seu amor.

Do seu amor que é tão puro
Como o lyrio do vergel,
Mas tão fero, mas tão duro
Como tygre atroz, cruel:
De mim zomba caprichoso,
E não morre d'amoroso
Ao dizer-lhe: — *« E' todo teu,*
Este amor que me devora,
Que dentro n'alma vigora,
Qual pensamento do ceu.

Tu não vês, gentil donzella,
Que é amor tua missão?
Não saberás quanto és bella,
Quão cheia de perfeição?
Linda perola brilhante,
Ouve, attende o triste amante
Que te adora tão leal —
Ah! n'este mar procelloso,
Vem luzir lindo e formoso,
D'est'alma, oh doce fanal!

S. João da Foz 22 de Maio 1848.

Silva Rosa Junior.

A TEMPESTADE.

(AO MEU AMIGO *Alexandre J. da S. Braga Junior*)

. . . . . tonitru cùm rupta corusco
Igneia rima micans percurit lumine nimbos.
VIRG: ÆNEID LIV. VIII.

Que si los espectáculos funestos
I el fiero rayo, ...
Su suberbio furor no atemoriza,
Hoy se veran resueltos en ceniza.
MOSQUEA, CANTO IX.

ARROUBADO d'amor, pensando n'*ella*,
Extatico mirava a linda estrella,
Que pendente dos céus, na escura téla,
Brilhava no negrume
Com radiante fulgor! era tão bella,
Que ao sol dava ciume!

Não distante.... no meio d'esse espaço,
Tão grande como Deus! com lume baço
Sahia d'entre a sombra a curto passo
O nocturno luzeiro;

O sol... ainda além... com brilho escaço
Fere o cume do outeiro.

Eis começa surgindo pouco e pouco,
Do sul bulcão pesado... com som rouco
Ferido das rajadas ruge o ouco
Castanheiro frondente,
Que nas folhas a sanha do xarouco
Soffreu indifferente.

Densa nuvem agora lhe occultava
A face tão luzente... eis avançava
Deixando que de novo, como escrava,
Podesse alumiar-me:
Uma lá vem... mais outra... em'a roubava,
Aí! sem de a vêr fartar-me!

Ferindo-se entre si, como se em jogo
Raivosas contendessem, lançam fogo
Que o espaço incendiam... humilde rogo
Contricto a Deus envio....
Tudo está mudo.... só em desafogo
Se ouve da c'ruja o pio!

Horrendos sons rimbombam nas cavadas
Das erguidas montanhas, vulneradas
Pelas serpes mortiferas, lançadas
Por Deus do ethereo assento,
Em castigo das culpas desmarcadas
Do nosso pensamento.

Rasgado o céu em meio sai luzindo
Igni-voma faisca, que fugindo
No cimo cái do monte, despedindo
Valente contra os ares
Lascadas pedras, que tirou ferindo
De formas angulares;

Partindo o tronco ao castanheiro annoso
As fibras lhe espedaça, e cubiçoso

Uma e uma prescruta pressuroso,
Chupando-lhe o alento,
Té que vai na raiz sumir raivoso
O seu furor cruento.

Avança... estende as azas... passa afoita
Sobre a minha cabeça; o vento açoita
Brioso o rasto d'ella... já da moita
Foge a c'ruja piadora
No mar contente o nauta desapoita
A quilha cortadora

Lá vai a tempestade... o céu risonho
Outra vez se surrí... o som medonho
Do trovão inda.. além.. s'ouve tristonho
Soar no val profundo
Com medroso fragor, como se em sonho
Bramasse furibundo

A lua tambem mostra complacente
De novo a bella face refulgente
Co'a luz, que o sol lhe empresta... deligente
Alli rebrilha agora
A estrella, minha amada, e de repente
Sorrí, ao ver-me, e córa.

Em quanto no ar o raio abria ousado
As flammigeras fauces, e aclarado
Ficava o céu, a terra, e o mar cavado
Com a terrivel luz —
Eu nas penhas erguidas assentado
Clamava por Jesus!

Maio de 1848.

A. Fructuoso Ayres de Gouvêa.

A MINHA VIDA.

Batem longe nas penhas as vagas,
O susurro nas praias revoa,

Qual o ecco, que acorda o corisco,
Quando lá nas alturas trovoa:

Tenebrosa repousa a natura,
E só brilha da lua o fulgor,
Desenhando acolá, sobre a areia,
Um reflexo de fúlgido alvor:

Mais ao longe nos troncos da selva
Bem-dizendo da noite a mudez,
Canta alegre o cantor do deserto,
Qual o nauta de sobre o calcez.

E sentado nas fraguas sombrias
Só curtindo voraz amargura;
Eu não amo os incantos da noite,
Eu despreso o fulgor da natura.

Eu não amo a mudez do deserto
Nem das selvas o doce cantor,
Nem as vagas, que rolam n'areia,
Nem da lua o dourado fulgor:

Já não tenho ternura no peito
For ama-la tão louco a perdi —
No deserto, pensando sosinho —
Para o mundo, na terra, morri!

Silva Rosa Junior.

O MEU LEBRÉO.

Anda cá, fiel rafeiro,
Vem consolar teu Senhor,
Rasgados os seios d'alma,
Só lhe resta o teu amor —
Meu lebréo, tu n'este mundo,
Nunca me serás traidor!

Pobre alão, como n'outr'ora
Nas caçadas te criei!
Minhas mágoas te narrava,
Meu amor te confiei.....
Tudo me trahiu na terra
E só contigo me achei:

Nas caçadas, outros tempos,
Foste as lebres procurar,
Guardaste as minhas manadas
Por essas praias do mar —
Hoje triste, solitario
Vens teu Senhor affagar!

Quando amei....(cruel lembrança!)
Foi amor uma traição!
Aviventei um desejo,
Definhou-se o coração —
Ingrata! deixou-me um dia....
Ficou-me o meu pobre alão!

Quantas vezes me entregaste
Doces mensagens d'amor!
Quantas vezes tu lhe deste
Bilhetes do teu Senhor —
Trahiu-me, e tu bondadoso,
Mitigaste a minha dôr!

Tive amigos, n'outras eras —
Julguei-os um dom do céu,
Um e um fugiram todos,
E só de ama-los fui réo —
Hoje pobre, abandonado
Só me resta o meu lebréo.

Oh! quanto amei desgraçado!

As folias d'um festim,
Ledas danças, almos jogos,
Doces folguedos sem fim....
Illusões, já não me illudem!
Meu alão, tem dó de mim!

Aos meus pés vem enroscar-te,
Meu pobre alão, tão fiel,
Vem affagar minhas mágoas
O meu tormento cruel —
Vem adoçar com teus mimos
D'atroz dôr; amargo fél:

E quando alfim o sepulchro
Te roubar o meu amor,
Deitado aos pés do cruzeiro,
Vai carpir a tua dor:
Guarda então no chão da morte,
As cinzas do teu Senhor.

Porto 23 d'Abril de 1848.

Alexandre Braga.

UM LOGRO. a Augusta

Um dia Amor
Junto do mar,
Lindas conchinhas
Foi apanhar:

Azul cestinho
Na mão trazia
De fina verga
Que o ouro urdia;

Já prenhe o tinha
Muito gostoso,
D'alvas pedrinhas
Do mar undoso:

Depois as tira
Co'a mão nevada
Lava-lhe a areia
N'agoa salgada;

Mas desviado
Eu contemplava
Este menino
Que me chamava:

Tenros bracinhos
Elle estendia,
Com mil tregeitos
Que me fazia....

A elle corro
Compadecido,
Julgando vê-lo
N'agua perdido!

Era o Amor,
Que então bradava
Por mim, na praia
Que o mar banhava.

Alegre grita:
Achei distantes
D'estes rochedos,
Dois diamantes:

Com muito gosto
Ea t'os off'reço,
Por serem pedras
De grande preço.

O cesto tomo
Mui diligente,
E d'Amor busco
O meu presente.....

Mas elle dando
Uma risada,
Os olhos mostra
Da minha amada.

Eu vendo o lôgro
Então lhe digo:
Para que pois
Brincar comigo?

Na minha amada
Tudo é brandura;
Só forma o peito
Silice dura!

A. L. S.

UMA HORA DE MELANCOLIA.

AMARGA dôr acerba, e desesp'rada,
Que o coração sem dó me estás ralando
Com saudosas lembranças;
Pesada nuven de tristesa e lucto,
De afflicções e de trances mal soffridos,
Recordar amargoso.

Sobre a relva virente d'estes campos,
Na margem núa do saudoso lago,
E sobre o tronco annoso,
Além, aqui, em toda a parte, sempre,
Sempre junto de mim, fantasma horrendo,
Has-de girar em torno?...
Um momento, sequer, ah! longe, longe!
Deixa molhar os olhos meus de lagrimas,
Lagrimas de saudade.

Oh! como é doce e placido este pranto,
Que inundando assim vai a baga a baga
O macerado rosto!
Como é doce este pranto derramado
Em noite escura a sós com a saudade,
Do tumultuar distante!

Dos corações sensiveis terna amiga,
Deliquio d'alma, languido abandono,
Doce melancholia;
Oh! como na soidão és aprasivel!
Como encantas minh'alma, ha tanto affeita
Só a crus desesperos!
Se em velha torre de visinha igreja
Meia noite soou — d'espaço a espaço
Se triste pia o môcho;
Callada a lua se per leves nuvens
Ora se escôa, ora desparece,
E logo a brilhar torna;
Se resaltando vai de pedra em pedra
Manso regato com murmurio doce
Os echos acordando;
Se a terna philomela entre queixumes,
De raminho em raminho vai saltando
Ao despontar da noite;
Tudo desperta dentro da minh'alma

A tão fagueira, candida e suave
Doce melancholia.
Então dos olhos mana o pranto amêno,
Pranto que apaga a chamma abrazadora
Da dôr, e dos pesares.

De soidão em soidão triste vagando,
Sem um contentamento p'ra minh'alma
Assim a vida passo.
Oh! esta vida, á mingua de prazeres,
Sem ter um coração onde se acolha,
E' um viver que mata!
De que vale existir a sós no mundo,
Se do universo o ente mais perfeito,
Uma mulher — um anjo —
Gosar não vem da solidão commosco,
Unindo rosto a rosto, peito a peito
Em deleitoso abraço?
De que vale sem ella o prado, as flôres?
De que valem imperios e riquezas?
O mundo de que vale?

J. Arthur.

A DESPEDIDA.

Até' que em fim obrigado
Pelo fado
Vou desterrado viver:
Vou oppresso de tristura,
E amargura
Cruentos males soffrer:

Julga, meu bem, que tormento
Exp'rimento

N'este *adeus* que te vou dar,
N'este abraço tão estreito
Que o teu peito
Presente o meu palpitar:

Nem sequer doce esperança
Traz bonança
Ao mesquinho trovador:
Ah! contempla esta anciedade,
E a saudade
De tão crua, acerba dôr;

Aqui sósinho vegeto
Inquieto
N'esta triste solidão,
Sem gozar um só sorriso
Tão preciso
A meu triste coração!

Melhor fôra n'este instante
Delirante
A's minhas penas dar fim:
Acabar com esta vida
Só nascida
Para me carpir assim!

A. Azevêdo.

O TEU NOME.

Sobre as praias do mar, na lisa areia,
Em extasis d'amor, gravei *teu nome*;
Bem fundas letras fiz: — porem mais brava
Uma onda lá vem, outra e mais outra.....
Teu nome disparece.

Gravei-o n'um cypreste junto ás campas,
Lá no adro d'aldeia: — o sul rebraine
Pela encosta das serras, e derruba,
Em feros turbilhões, o tronco antigo,
O gigante da morte.

Em duras penhas fui grava-lo um dia,
Fundo, bem fundo atravessando as rochas;
Porem toldam-se os céus, fulgura o raio,
Estende-se o trovão, e n'um momento
E' seixos o penhasco.

Insensato, a gravei, no santo templo,
Nos lavrados do altar, julguei que sempre
Alli ficára intacto..... da impiedade
A mão cruenta, derrubando as naves,
Sumiu-m'o nas ruinas!

Gravei-o então, na dôr, no desespero,
Dentro no coração, nos seios d'alma,
Fundo, bem fundo, a traspassar-m'os todos....
Alli ficará sempre, alli teu nome
Terá a eternidade.

6 de Maio de 1848.

Alexandre Braga.

O NINHO DA GAIVOTA.

(Ao Illm.º Snr. Joaquim da Costa Carvalho.)

No meio dessas fraguras
Onde as ondas vão bater,
Gaivota, porque procuras
Ahi, teu ninho fazer?
Não vês que, ao som da procella,
A vaga mais s'encapella,
E vem as fragas cobrir?
Não vês que pode o teu ninho,
Teu caro, tenro filhinho
De raivosa submergir?

Vai antes nos arvoredos
Teu pobre ninho formar;
Esconde lá teus segredos
Que ninguem t'os va roubar;
Mas tu gostas mais das fragas,
Tu gostas de ver as vagas,
Vaidosas do seu rancor,
Virem de longe apressadas,
Mais e mais encapelladas
Fallarem-te a sós d'amor.

Gostas de vê-las altivas
A teus pés virem morrer,
E depois mais expressivas
Tornarem a reviver.....
Gostas d'essa côr de prata
Que formosa te retrata
Qual um espelho eternal:
Tuas azas estendendo,
Sobre ella te vais revendo
Com teu garbo sem igual!

Lyra, n.º 5.

Mas não vês n'esse areinho
O maçarico a gemer?
E' que nas vagas seu ninho
Elle acaba de perder!
Pois como tu atrevido
Elle o tinha construido
Lá n'essas rochas do mar,
Sem temer homem astuto,
Que alli fosse dissoluto
Seu pobre ninho roubar!

Mas illudiu-se o coitado
Que o mar tudo lhe roubou....
Mais triste e desventurado
Já de piar se calou:
A sua dôr amargosa
Quanto mais silenciosa
Mais lhe custará soffrer;
Antes, antes, pobresinho,
Tu quizeras com teu ninho
Entre as vagas ir morrer!

Alva gaivota das ondas
Formosa c'rôa do mar,
Não queiras perder teu ninho
Com tão funesto desar!

Foge, foge d'essa fraga,
Que de negra, a negrejar,
Parece atroz cadafalso
Todo horror, todo pesar!

Tu orgulhosa, atrevida
Arrostas p'rigos do mar,
Bem n'o sei; mas os teus filhos
Quem t'os ha de resguardar?

E quando horrenda procella
Vier fera á sibilar,
Sem abrigo, n'essas rochas
Quem t'os pode conservar?

Tu maldirás teu orgulho,
Maldirás ventos e mar,
Ficarás arrependida
De teu funesto teimar:

Vai faze-lo lá nas selvas,
Pois tens para o resguardar,
Frondosa copa dos freixos,
Unida qual aduar....

Alli temer não podias
Do tufão o sibilar,
Nem as ondas encrepadas
Alli podiam bramar:

Porem tu louca e teimosa,
Sem que mudes de pensar
Meus concelhos d'amisade,
Só os sabes despresar....

Oxalá, pobre gaivota,
Que não te venha a custar,
Formares teu caro ninho
Sobre essas fragas do mar!

S. João da Foz 16 de Junho de 1848.

Silva Rosa Junior.

A BORBOLETA E A MULHER.

Em torno á rôxa violeta,
Sobre os juncos do paul,
Vai adejando inquieta
Matisada borboleta
Com suas azas d'azul:
Agora, com brando affago,
Encrespa as aguas do lago
Toda orgulhosa e taful;
Ora, junto ao sol tão mago
Vai leva-la o vento sul.

A's vezes mais melindrosa
Poisando na linda flôr,
Lá s'esconde de medrosa,
Qual a virgem vergonhosa
Ouvindo fallas d'amor;
Ora nos prados distantes,
Com as azas cambeantes,
Vai sumir-se no verdor....
E, nos carmes susurrantes,
Envia um hymno ao Senhor.

Agora, menos modesta,
Procura os raios do sol....
Fugindo ao calor da sésta,
Lá no centro da floresta,
Vai ouvir o rouxinol;
Depois, mais triste e sombria,
Em doce melancholia,
Repoisa no girasol,
Té que dispontando o dia,
Brilhe do dia o pharol....

E' noite: — junto da ermida
Alveja rasteira cruz;
E da pedra denegrida,
Froixa luz amortecida
Alli suspensa transluz:
Nescia já d'amor doudeja,
Em torno da cruz adeja....
Fatal fulgor a seduz;
Corre, chega, treme, arqueja.....
Morre abrazada na luz!

Mulher! tambem na existencia
Te seduz lume traidor!
Deixas a doce innocencia
Por fementida apparencia,
Por *um nada* enganador;
Tambem te chama um luzeiro,
Aureo, lindo, feiticeiro....
E mata-te o seu fulgor!
Esse fogo traiçoeiro
Mulher, mulher! é o amor.

Alexandre Braga.

A SOLIDÃO.

AMAVEL solidão, eu te saúdo
A' sombra d'este freixo recostado;
E' mil vezes ditoso
O que te gosa alegre,
Sem que dos labios seus um só queixume
Teus preciosos dons perturbar venha.

Oh doce solidão! oh gratos bosques
Que tanto floreceis com almo riso
Perto da linda ingrata

E sempre mal constante,
Laura gentil, que vos augmenta a graça
Em pranto de ternura eu vos saudo!

Agora, Musa, os vôos teus desprende
A' sombra amena d'esta verde cópa
Teus ternissimos versos,
Entoem doces queixas,
Em roda d'estas selvas já que a ingrata
Me arrasta de continuo o pensamento.

Linda Laura, almo sorriso
Eu diviso
Eu diviso inspirador,
Nesse teu rosto de neve
Que prescreve,
Que prescreve o meu amor:

Quem me déra captivar-te,
Para amar-te,
Para amar-te, caro bem:
Com que prazer minha lyra
Eu ferira,
Eu ferira aqui.... além....

Não te apraz as minhas queixas?
Só me deixas,
Só me deixas a pensar?
Ah! mal haja a minha sina,
Tão ferina,
Tão ferina.... de matar!

Qual errado navegante
Vacillante,
Vacillante no porvir,

Errarei por esses prados
Entre brados,
Entre brados de pungir!

A. Azevedo.

A UMA ROSA BRANCA.

Qaand le matin tu vois briller la rose,
Songe qu' au soir elle n'existe plus.
M.me Perrier.

No jardim onde reinavas,
Onde teu brilho mostravas
Quem ahi te foi colher?
Quem depois, tão caprichosa,
Te abandonou, linda rosa,
Te deixou emmurchecer?

No centro d'essa roseira
Tua côr nivea e fagueira
Era o primor do jardim:
Tu n'esta linda *paysagem*,
Sorrias entre a folhagem,
Linda rosa de marfim!

Mas caprichosa donzella
Como tu candida e bella
Te desejou possuir —
Ei-la com dextra de neve
Te foi arrancar da séve
Que te fazia existir.

E lá no seio mimoso
Onde arfando de amoroso
Lhe pulsava o coração,

De tua côr namorada,
Do teu fulgor encantada
Te guardou com nivea mão.

Mas depressa aborrecida,
De teus mimos, (esquecida!)
Tuas folhas, tua côr,
Já d'ingrata, e deslembrada,
Deixou-te, desventurada,
Tractou-te com desamor.

Do gremio seu te desprega,
Ao despreso alfim t'entrega,
Sem de ti jámais ter dó;
Qual a fugaz mariposa,
Que depois d'amar a rosa,
A deixa ficar tão só!

Depois ingrata adejando,
D'uma em outra flôr voando
Nenhuma a pode prender.....
Tal no jardim a donzella
Procura outra flôr mais bella,
E mais mimosa a seu ver!

Quantas vezes enganada
Vai colher arrebatada
Flôr sem cheiro, ou sem fulgor....
Só porque mate um desejo,
Par lh'imprimir um beijo,
Frio beijo sem sabor:

Não maldigas, flôr mimosa,
Não maldigas tristurosa
Quem á vida te roubou;

Que não és *tu só* no mundo
Que, com pesar tão profundo,
Infeliz ella tornou!

O fragil sopro da vida,
Com féra dextra homicida,
Risonha foi-t'o apagar;
Tuas petalas murcharam,
Tuas folhas desbotaram,
Tu deixaste d'encantar!

Mas ao menos, insensata,
Aos teus extremos foi grata,
Amou-te meiga e leal —
Foi seu amor passageiro,
Mas foi puro, e feiticeiro....
Não lastimes o rosal.

Eu por mim, tão desditoso,
Me julgara venturoso,
Se tivesse o *fado* teu;
Se podesse delirante,
Vê-la, e morrer..... n'esse instante
Gosara na terra um céu!

S. João da Foz 2 de Junho de 1848.

Silva Rosa Junior.

A LUZ DA NOITE.

Oh luzinha — como és bella
A luzir n'esse pinhal!
Luzes como luz nas praias

O solitario fanal:
Como o fogo que guardava
Casta, formosa vestal!

Luzes, luzes solitario
Com tão pallido clarão,
Que avivas o fogo d'alma,
Que accendes o coração:
— Assim tão meiga a sorrir-te,
Que farás na solidão?

Por entre esse mar de trevas
Tu fallas d'amor a alguem?
Guias tibia o namorado
Lá pelos serros d'alem?
Ou fallas d'amor á dama,
Dás-lhe *novas* do seu bem?

Junto a tí meiga donzella,
Derrama prantos de dor,
Lê d'amor doces cartinhas,
Ao clarão do teu fulgor?
Meiga luz — os teus mysterios,
Serão mysterios d'amor?

Ou tu brilhas, por ventura,
No sanctuario de Deus,
Em torno da cruz sagrada
Espargindo os raios teus?
Oh luzinha — os teus archanos,
Serão archanos dos céus?

De bella *moira* encantada
Te accendeu a casta mão,
Para que encantes minh'alma,

Captives meu coração?
Oh luzinha — os teus segredos
Serão d'incanto, serão!

E's fermosa como a estrella
Por alta noite a luzir,
Qual do ether pendurado
Um globo d'ouro d'Ophir....
Oh! mas não; — esse teu brilho
E' mais fermoso a fulgir.

Tu brilhas como o brilhante
Entre as areias do mar,
Como brilha o pyrilampo
Lá nos prados a folgar....
Oh! mas não: tu és mais bella
Esse teu brilho é sem-par.

Qual da góndola o luzeiro
De Veneza nos canaes,
Tu reinas, doce luzinha,
A brilhar n'esses pinhaes....
Oh! mas não, que és mais fermosa,
Que o teu brilho brilha mais:

E's talvez como esse fôgo
Que n'alma desceu dos céus,
Como a chamma que rodeia,
O throno immenso de Deus —
E's como o *estro* do bardo
Cantando os mysterios seus.....

Oh luzinha! — esse teu fogo
Falla tanto ao coração.....
E's, oh luz, tão expressiva,

Brilhando na solidão!
— Oh! tu retratas o mundo,
Retratas a creação.

Fez-te um *desejo* do homem,
Lindo pharol brilhador;
O mundo tornou-se mundo,
N'um desejo do Senhor....
Do homem morres ao sôpro,
Elle, á voz do Creador.

Porto 16 de Fevereiro.

Alexandre Braga.

A LYRA.

QUANDO nasci deu-me a lyra
Lindo archanjo do Senhor,
Dizendo-me: *Tem tres cordas;*
N'uma d'ellas canta amor,
N'outra canta a patria tua,
Na terceira o Redemptor.

Eu peguei da lyra d'oiro,
Ternas canções entoei;
Cantei d'amor as delicias,
D'amor as pennas cantei;
As glorias da minha patria,
O meu Deus apergoei!

Hoje ainda a pobre lyra
Canta os mysterios d'amor,
Canta as victorias da patria,
Canta os dons do Creador;

E já que a lyra assim canta,
Bemdito sejas, Senhor.

Porto 3 de Fevereiro de 1848.

S. B.

A AVESINHA.

Sentado nas margens d'um brando ribeiro,
Curtia no peito cruento pesar;
Não longe, nos ramos d'um verde salgueiro,
Mimosa avesinha sentia cantar:

Cheguei-me mais perto, com passos mui lentos,
Sentidos queixumes no canto lhe ouvi:
A brisa mui leve, cançados os ventos
Não movem ao menos as folhas alli.

E a fermosa avesinha
Que definha
A chorar o seu amor;
Junto á lympha fugitiva,
Expressiva
Exprimia assim a dôr:

" Brandas agoas amorosas,
Lacrimosas,
Viste além o noivo meu,
Entre as azas d'outra amante
Delirante
A gosar mimos do céu?

Entre os ramos escondido
Fementido
Mil juras n'uma fazer

De não mais de mim lembrar-se,
Apartar-se,
E d'ingrato m'esquecer?

Deu-lhe acaso, na espessura
A ternura,
Que a mim só devera dar?
Entre si trocaram beijos,
Mil desejos,
Foram ao longe a fartar?

Oh! se vistes, respondei-me,
E dizei-me
Quem, na terra, é tão feliz!
Quero nos bosques acha-la,
E leva-la
A seus pés morta... infeliz!...

Trinando dest'arte queixume pungente
As folhas sentidas cobriam o chão,
E as limpidas agoas da lisa corrente
Do fundo respondem: *Não vimos, oh! não.*

Março 1848.

A. F. Ayres de G.

A UNS OLHOS.

CANTAR eu uns olhos tão verdes, tão lindos,
Tão lindos, sem par;
Mais doces qu'o nectar, mais castos, mais bellos
Que sabem amar.

Que lançam um fogo, tão forte, tão meigo,
Tão meigo a sorrir
Que cria em meu peito um desejo que mata
Sem eu o sentir.

Cantar eu uns olhos tão verdes, tão lindos,
Tão lindos, gentis,
Remissos, voluveis, travessos, lascivos,
De tantos ardis.

Que ferem, que fallam, tão brandos, tão ternos,
Tão ternos d'amor;
E geram mil vezes ciumes de morte
Com vivo fulgor.

Cantar eu uns olhos tão verdes, tão lindos,
Tão lindos de ver,
Luzindo, brincando, com arte, com fogo,
Com mago poder.

Uns olhos tão tristes, ás vezes sisudos,
Sisudos de mais
Ao pobre poeta com força acomettem
Que solta mil ais.

Cantar eu uns olhos tão verdes, tão lindos,
Tão lindos que são,
E brilham no céu e no mar, e na terra,
No meu coração!

E roubam aos astros, tão puros, tão castos,
Tão castos, de Deus,
Das gallas as graças, dos risos o brilho
O brilho dos ceus!

Cantar eu uns olhos, tão verdes, tão lindos,
Tão lindos, não sei
Nem posso nem devo nem mais quero vêl-os
Assim o jurei.

A. Azevêdo.

A IRMANZINHA.

(*A minha mãe.*)

TENRA florinha dos jardins da vida
Curtou a morte;
Apenas em botão, mas já tão bella
Crestou-a o norte!

Estreitos mezes só — mui pouco espaço
Viveu na terra,
Qual mimosa cecem que peregrina
Brotou na serra....

Os carinhos da mãe inuteis foram
Para guarda-la;
Que os anjos do Senhor se tinham justo
Para leva-la!

N'um candido sorrir, que dava a todos
Fugiu tão breve,
O céu mostrando co'os tenrinhos braços
Da côr da neve.

Irmanzinha gentil, aos céus voaste
Tão brandamente!...
Na c'rôa do Senhor serás brilhante
Eternamente.

Teu olhar divinal fechado tenho
No coração —
Fiel lá pedirás, cantando *Hosanna* —
O meu perdão.

27 de Fevereiro.

J. Fructuoso.

OS MEUS DESEJOS.

(A' Exm.ª Snr.ª D. Candida A. C.)

Oh! quantas vezes eu scismo
Em ser um d'esses heroes,
Que, dos seculos no abysmo,
Brilham, quaes aureos pharoes!
E minh'alma então inquieta,
Deseja a voz d'um propheta,
Doces carmes de poeta,
Brandas tintas de pintor:
Quer exceder, n'esse instante,
Apelles, David, e Dante,
E n'um colosso gigante
Ter meu nome d'esculptor.

Oh! s'eu podesse, inspirado,
Sobre o bronze dos canhões
Nas batalhas conquistado,
Gravar minhas concepções —
Escarneo da eternidade,
Erguera, sobre a cidade,
Com serena magestade,
Tua estatua colossal,
Que, c'o tempo furibundo,
No voraz cahos profundo,
Veria findar-se o mundo,
Em pé, no seu pedestal!

S'eu fosse um vate sublime,
Como o sabio Daniel,
Esmagara o torpe crime
Em carmes d'amargo fel —
Cantara, com voz de ferro,
Nas trevas d'este desterro,

A' perfidia, ao vicio, ao erro
Meus cantos de maldição:
Mas no tremendo alaúde,
Louvara a tua virtude;
Teus viços de juventude,
N'esta geral corrupção.

S'eu tivera uma grinalda,
De gentís, verdes laureis,
Verde, verde, d'esmeralda,
Nobre, qual c'roa de reis; —
Se do *génio* fosse o espectro,
Se tivesse a c'roa, o sceptro,
Se tivesse o régio plectro
De Virgilio, ou de Camões,
Curvos d'assombro os imperios,
Em canto — todo mysterios —
Cantara aos dois hemispherios,
Tuas gentís perfeições!

Se de Guido achasse a palma,
E o génio d'elle a ferver,
A borbolhar dentro d'alma,
Qual volcão, que vai nascer —
Pintara-te, em alva tela,
Feiticeira, e casta, e bella
Com teu sorrir de donzella
Mimosa pomba dos céus,
E a terra, gemendo insana,
T'hiria bradar — « *Hosanna!* » —
Como a captiva á sultana,
Como um archanjo ao seu Deus!

Mas ah! debalde procuro
Tornar meu nome immortal,
E, monarcha do futuro,

Reinar, qual aureo fanal!
Em vão quero (miserando!)
Ser um anjo venerando,
Qu'aos pés os seculos calcando,
Fulgisse, assombro do sol —
Que visse o *meu nome* inscripto
Em cem molles de granito,
Soberbas, quaes as do Egypto,
Qual de Rhodes o pharol!

Oh! quem dera; — embora a guerra
Ao troar de mil canhões,
Fosse rola-las por terra,
Cobri-las d'imprecações —
Da terra mudo vigia,
Houvera reinado um dia,
E com a fronte sombria
Firmara o throno de Deus;
E ao cahir, como em memoria,
Como tropheu de victoria,
Um eccho eterno de gloria,
S'elevara até aos céus!

Mas se tão fagueiro sonho
Não posso realisar,
Vem, com teu gesto risonho,
Meus desejos apagar....
Vem, c'os teus longos cabellos,
Desatados, em novellos,
Tão ondulantes, tão bellos,
De tão linda e negra côr,
Vem, com teus castos abraços,
A prender-me em doces laços;
Dá-me por c'roa os teus braços,

E por *gloria* o teu amor.

Porto 29 d'Agosto de 1848.

Alexandre Braga.

A MINHA ESPERANÇA.

Quem de ti cá me trouxera
Meigo sorriso d'amor!
Quem matasse esta incertesa,
Das saudades a tristesa,
Quem matasse esta dureza,
Estes requintes da dôr?

Alexandre Braga.

HÁ muito que tristonho vegetando
Entre angustias, e dôr,
Eu soffro, como soffre o miserando,
A quem acerbas magoas vão ralando
Na descrença d'amor!

Sem ter fé no porvir, sem ter esp'rança
Sempre, sempre a penar,
Emvão procuro os braços da bonança,
Qual o nauta que ás vagas se abalança
Sem as temer sulcar!

Assim tão triste vou passando os dias,
Sem doce esp'rança ter,
Que minóre as cruentas agonias,
Ás penas de minh'alma tão sombrias
Que amor lhe faz soffrer....

Sem que um ente no mundo bondoso
Me venha confortar;
Ou m'envie um sorriso dadivoso,
Que ao triste coração tão extremoso,
Possa alegre tornar!....

Que me venha dest'alma ressequida
Mitigar o soffrer;
Dest'alma que vegeta tão sentida,
Que boiando no pélago da vida,
Não sabe o qu'é viver!

Não sabe o qu'é viver, porque *essa* ingrata
E' bella.... e tão cruel,
Como a formosa virgem que retrata,
Por entre nuvens de saphira e prata,
Ou Guido, ou Raphael...

Donzella!... ah vem por noite bonançosa,
Vem por linda manhã,
Dar-me um meigo sorriso, e maviosa
Deixar-me contemplar-te tão donosa,
Tão pura, e tão louçã....

Donzella, desta vida, oh doce encanto,
Meu anjo, e meu amor,
Vem, corre minorar meu triste pranto,
Vem alegrar o luctuoso canto
Do pobre trovador!

Mas ah! que tu não ouves minhas queixas,
Minhas tristes canções....
Não escutas d'amor doces endeixas,
Foges, e despiedada assim me deixas
Com minhas afflicções!

Não vês que a flor, além, na penedia,
Se ousou desabrochar,
Apenas o frescor a não rocia,
Lá emmurchece esteril e sombria
Sem poder germinar?

Assim a minha vida brevemente
Verás emmurchecer....
Ah! que se te podesse ser patente
O que meu coração, minh'alma sente,
Meu negro desprazer!....

Tu virias de prestes dadivosa,
Abrandar o meu mal —
Como abranda por noite procellosa,
A lua tão fagueira, e tão saudosa,
Medonho temporal.

Oh! vem, oh vem trazer-me doce *esp'rança*,
Toda, toda d'amor,
Qu'est'alma, que entre angustias se balança,
Encher venha de placida bonança,
Em vez d'acerba dor:

Uma esperança só, risonha e bella,
Eu desejo, oh meu Deus,
Tão expressiva como o gesto *d'ella*,
Como o sorrir da candida donzella
Que causa *os sonhos meus!*

S. João da Foz 19 de Junho de 1848.

Silva Rosa Junior.

A MADRUGADA, no mar de ...

Das trevas a negrura vai fugindo
Expulsa pela luz!
Do oriente vem o sol ledo fulgindo
Que de gosto seduz!

A custo os lindos raios na floresta
Eu vejo penetrar!
Já do verde carvalho a esguia testa
Começa de dourar!

Serena a madrugada se retrata
Pela vasta extensão!
Penetra com seu brilho côr de prata
Na mimosa soidão!

Encantos maviosos, lindos nadas
Ella faz refulgir!
O seu poder ostenta como as fadas
Qus forjam o porvir.

Bebe, estanca, o orvalho matutino
Com seu meigo calor;
Rouba ás flores o mel diamantino
Que succa com ardor!

Dos lyrios, dos jasmins, rosas e cravos
Que lindo é seu matiz!
As abelhas lhes roubam para os favos
Seu mellico verniz!

Com teu brilho avassallas os humanos
Belleza divinal!
Os bens da vida dás mui soberanos
No teu manancial!

Ninguem nega teu brilho de rainha
Com qu'o céu te toucou!
Folga, e vive, e surri! linda estrellinha
Foi Deus que te fadou!

O teu vapor celeste n'estes prados
E alem nos salgueiraes,
Veste as gallas, derrama mil agrados
Em fios de cristaes!

D'oiro cinges os montes campesinhos,
Os valles, os jordins!
E brotas tantas graças, taes carinhos
Quaes ledos seraphins!

Da virgem, da donzella és o retrato
Sorrindo de prazer!
Qual noiva a quem o pejo dá recato
E faz enrubrecer!

Reinas sorrindo na estação formosa,
N'esta fresca manhã!
Ameigas a saudade tão saudosa
Com puresa louçã!

Tu és meiga, e dás tanta esperança
Ao pobre Trovador
Que desterra do peito, e da lembrança
O seu soffrer d'amor!

Se triste lua em noite prateada
Desfaz a tua luz!
Ao menos, a mensageira d'alvorada,
O teu brilho seduz!

Doiras a terra, a face do Universo,

Por decreto de Deus?
E cantarei rainha em doce' verso
Tuas gallas dos céus!

A. Azevédo.

A UNS OLHOS.

Quero um olhar de teus olhos....
(*Silva Rosa Junior.*)

Seus olhos d'um verde tão puro,
Tão puro a brilhar;
Embalde eu — na terra — procuro,
Procuro no mar.

Fugiram da terra — no céu,
No céu a luzir,
De noite se mostram sem véu,
Sem véu a sorrir.

Amei, quando moço, seus olhos,
Seus olhos de mago condão,
Seus olhos que ternos fallavam
Com tanta ledice e paixão.

Amei-lhe o surrir de donzella,
E os prantos vertidos sem dor,
Amei-lhe os requebros singellos,
Que o peito nutriam d'amor.

Seus olhos de tanta meiguice
Fallavam em tanta mudez,
Que a vida gostoso daria
Por vê-los, na terra, outra vez.

A troco d'um seu mavioso
Surriso de amante expressão,
Eu déra, inda além da existencia,
Virtude — saber — coração:

Seus olhos d'um verde tão puro,
Tão castos, tão meigos, — sem par,
Da terra fugiram, — só brilham
De noite no céu — sem luar.

Que rapidas foram as horas
Que a vê-los — na terra — gosei!
Que instantes! foi sonho divino
Que eu outro jámais gosarei!

Agora sósinho divago
No prado, ou no triste jardim,
Até que da tarde o crepusc'lo
Do céu roube a côr de carmim.

Seus olhos d'um verde tão puro,
Tão puro a brilhar;
Embalde eu — na terra — procuro,
Procuro — no mar.

Fugiram da terra — no céu,
No céu a luzir,
De noite se mostram seu véu,
Sem véu a surrir.

Julho — 1848.

A. F. Ayres de G.

A ANDORINHA.

(AO MEU AMIGO *Manoel Duarte Monteiro.*)

Andorinha maviosa,
Vens acaso namorar
Esta terra deleitosa,
Lá das selvas d'além-mar?
Quem te traz á patria minha,
Linda, fagueira avesinha,
Quem te traz a Portugal?
Serão estes arvoredos,
Estas praias, e rochedos,
Estas aguas de crystal?

Vens buscar um desafogo
A's penas do teu amor?
Ou vens ver um sol de fogo,
E namorar-lhe o fulgor?
Vens entre mimosas flores,
A curtir amargas dores,
Na paz e na solidão?
Vens ver da noite os luzeiros
Tão gentís, tão feiticeiros
Com seu rutilo clarão?

Andorinha vens acaso
No centro dos salgueiraes,
Aos teus amores dar azo,
Vens soltar aqui teus ais?
Vens ver o cravo, a roseira,
A cheirosa caneleira,
O doirado gira-sol?
Ao som do mar que se arróla,

Vens ouvir gemer a rola,
Ver carpir-se o rouxinol?

Quem da patria te arrebata?
Quem te faz errar assim?
Não tens lá astros de prata,
Com seus raios de rubim?
Não terás tão claras agoas?
Não s'escutam doces mágoas
Os rouxinoes a carpir?
Não ha selvas encantadas,
Não ha praias namoradas,
Nem o céu se vê sorrir?

Lá não tens a primavera
Tão feiticeira e gentil?
Não terás as grutas d'hera,
Entrelaçada c'o til?.
Falta-te a paz, o socego?
Não tens de prata o Mondego?
Não tens do Leça o crystal?
— Oh! que não: tantas bellezas,
São nossas, são portuguezas,
Nem ha outro Portugal.

Mas vai... corre aos teus filhinhos,
De ternura almo penhor —
Vai levar-lhe em teus carinhos,
Terna mãi, teu casto amor!...
— Volta á patria, e s'encontrares,
Ou lá na terra, ou nos mares
Donzella, que *nunca amou* —
Dize-lhe que um malfadado,
Viu-a, em sonhos, e acoradado
Desde então a idolatrou!

Alexandre Braga.

FRAGMENTOS.

Se na terra este amor de poeta,
Mulher ha que o saiba pagar,
Serás tu — anjo puro do céu
Que virás a minha harpa acordar.

A. Her.

Ó nitida pombinha branca, e pura,
Tão meiga, e tão formosa como a face
Da estrella d'alva — mais-fulgente ainda,
Louçã e feiticeira como as fadas,
Porque havia de ver-te em meu caminho?
Porque me revelas-te essa lindesa?

E'ras lindo botão de rosa alvissima
A despontar entre verduras d'annos,
E as petalas de nacar assombradas,
Do dia á luz desabrochar tentavam:
E eu vi-te inda em botão, anjo dos anjos,
E trocára por elle a vida e tudo,
E não quiz outro ser, outra existencia,
Outro sol, outra estrella, e dia e noite
Pensamentos e sonhos foram *d'ella*;
Foi meu bem, meu thesoiro, luz, esp'rança,
Minha crença, meu céu, meu Deus, meu tudo:
.....
.....

E *ella*, virgem pura d'innocencia
Volveu-me os olhos em requebro meigo,

Dos meigos labios desprendendo um riso.
.....
.....
Para longe fugi — distante *d'ella*,
E sosinho vaguei pelas montanhas
Da minha patria solitario e triste.

E lá nas ondas do Téjo,
Em barquinha aventureira
Se á luz da lua vogava
Soprando a brisa ligeira;

Via-lhe a imagem sentada
Na barquinha junto a mim!
Oh! que dôces pensamentos!
Quedôces sonhos sem fim!

Das cataduPas d'Oeiras,
Quando ouvia o murmurio,
No denso bosque vagando
Do soberbo senhorio,

Via tãobem reclinada
Alli na relva viçosa,
A imagem *d'ella* tão linda,
Sobre a relva mais formosa

Subindo ás serras de Cintra

Contra as serras encostada:
Vendo o velho Monsarrate,
E Collares perfumador:

De toda a parte mandava
Ao meu anjo uma oração;
Mandava-lhe mil suspiros
Nas azas da viração.

E *ella?* — oh! que talvez *ella* esquecida
Não me desse sequer um pensamento....
.....
.....
E o delirio da guerra arrebatou-me
Do turvo Douro ás margens arrojando-me:
Bem haja a guerra que o delirio atteia,
Que me deu outra vez tornar a ve-la,
Mas já crescida flôr — tão linda sempre.....
.....
.....
Hia a guerra, medrando entre os estragos;
E em noites frias do gellado inverno
Recostado ao canhão pensava *n'ella*;
Via-lhe sempre a imagem vaporosa
Co'a brisa fina a divagar nas nuvens.
Vi-a no sol, na lua, e nas estrellas,
E na terra, no céu, no mar, nos montes.
E por entre o gemer da voz do bronze,
Quando a balla nos ares sibilava,
E me acordava o grito d'alalaia,
Quando a aragem trazia o som das tubas,
Era *d'ella* o primeiro pensamento,
Que eu tinha então — que me importava o resto?

Mas oh! — se a guerra me seifasse a vida,
Se um cadaver de mim restasse apenas,
Choraria por mim sobre o meu tumulo?
Oh! melhor fôra — eu sei? — que lá ficasse.

J. Arthur.

OS MEUS MARTYRIOS.

Quiz um dia recordar-me
De teu fero desamor —
Do rigor dos teus caprichos,
Das mágoas do teu rigor;
Quiz ver de *quantos* espinhos,
Tu cingiste a minha dôr.

Mas quem pode, n'este mundo,
Magoas sem conta, contar? —
Quem conta á noite as estrellas,
Ou os rubís do luar?
Quem conta as conchas da praia?
Quem conta as ondas do mar?

Ingrata!.... immensas angustias
Por teu respeito, soffri —
Que desde o solemne instante,
Em que, na terra, te vi —
Foram tantos meus martyrios
Quantos momentos vivi!

Alexandre Braga.

UM ANJO.

Anjo que á terra vieste
Hasde ensinarme o segredo
Dessa musica celeste.
A. LIMA.

MINHA vida nutri toda d'um sonho!
Mas meu sonho desfez-se, oh! foi medonho
Despenhar-me d'um mundo tão risonho,
Para neste cahir!

Mal haja o despertar.... que resta agora?
Morrer... oh! venha a morte... ai! já labora
Nesta alma o scepticismo! e lhe devora
Com a crença o porvir!

.....
.....
.....
.....

Fui á beira do mar... sulquei-lhe as aguas,
A vida lhe entreguei, e as minhas maguas,
E a branca espalda vi quebrar nas fraguas
Com gemebundo som.

Meus queixumes... paugou-mos com rugidos!
Das fauces com os gelos derretidos
O rosto me cuspiu, e os meus vestidos
Com sanhas de leão.

Fui ao cimo da serra, que se erguia
Em massas de granito... e a fronte esguia
Cravando n'esses ares, a escondia
Em negruines do ceu!

Lyra, n.° 7.

Pendurei-me das rochas eriçadas,
Sobre abysmos da terra debruçadas;
Do tufão, supportei vivas rajadas
Que traz o escarceu!

Sérpes de fogo vi rasgando o espaço,
Ir a rocha lascar com lume baço,
Ir a urze tisnar.... n'um beijo escaço
Ir-lhe a vida sorver!...

No campo vi d'irmãos travar-se a luta,
O sangue espadanando... a barba hirsuta
Ennastrada por elle.... e a face enxuta
Sem lagrimas verter!..

Qu'eu lagrimas não tinha!.. o soffrimento
Havias estancado.... o pensamento
Pairava sobre horror, d'horror sedento
Hia a morte buscar.

Cançado desta vida que esmagava....
Que p'ra viver não era... eu a arrojava
Ao meio da matança!.. eu a jogava
Em fero batalhar.

Baldado tudo foi!... então prostrei-me,
O pó beijei dos tumulos.... rojei-me
Entre as cinzas dos mortos... enleci-me
Todo na minha dôr.

Alcei depois a voz, busquei o Eterno,
A morte... — lhe bradei ó Deus Superno, —
Apagai-me nesta alma o vivo inferno,
Que lhe queima o verdor....

Ouvi então um som melodioso!..

Como se anjo cantasse carinhoso,
Em harpa dedilhando primoroso,
Com dedos de marfim!..

E os sons, no seio a crença me verteram.
Doce riso nos labios me espermeram!
E os prantos pela face me correram
A' voz do serafim!..

De nuvem radiosa, e transparente
Vi-o então a surgir.... meigo, fulgente!..
Vi-lhe os olhos volver tão docemente,
Que á vida me tornou....

Já não quero morrer.... quero a existencia....
Bem longa para amal-o... na innocencia
De seu amor irei sorver a essencia
Da vida, que murchou.

Fevereiro 1848.

J. A. Ferreira Rangel.

A MINHA POMBA.

Casta pomba do deserto,
Vem ser minha mensageira.

A. Braga.

Vem cá mimosa pombinha,
Encanto do teu senhor,
Vem em teus brandos arrulhos
Fallar-me do seu amor!

Vem-te pousar no meu seio,

Vem meus suspiros ouvir,
E mais humana e mais branda
Vem minhas mágoas carpir!...

Tu és alva como a neve
Que cahio sobre o rosal,
E's tão perfeita e tão linda
Qual a bellesa *ideal*.

Como tu tambem é bella
A virgem do meu amor —
E' gentil e trigueirinha,
— Gosto tanto d'esta côr!...

Os seus olhos expressivos
Dizem tanto ao coração,
E n'elle arreigam, bem funda,
Terna-immutavel paixão!....

— Terna, qual brando sorriso
De seus labios de carmim:
— Immutavel,... nem sei como,
Mas só sei, que não tem fim!....

Porque ficou tão impresso
Dentro no meu coração,
Aquelle surrir d'archanjo,
Tão fagueiro, tão loução!

Porque senti no meu peito
Ardente chamma d'amor;
Porque a amo como os anjos
Amam no ceu ao Senhor.....

Mas que tens meiga avesinha
Porque assim me deixas só?!....

Dos soffrimentos d'est'alma
Acaso não terás dó?!....

Insensivel mais do qu'ella
A meu triste prantear,
Mais do qu'ella desdinhosa
A meu continuo penar.

Voas p'ra longe do bardo,
Onde não possas ouvir
Meus lastimosos suspiros,
E meu acerbo carpir!...

Oh! não fujas, avesinha,
Não fujas do trovador —
Vem em teus brandos arrulhos
Fallar-lhe de seu amor.

Silva Rosa Junior.

ELLA. *Augusta!!* Ah.

Ah! já sei, eram castanhos
Uns certos olhos que eu vi:
Quem por elles não morrera
Como eu por elles morri!

E. Basto.

Oh! que olhos tão formosos!
Oh! que meigo é vosso olhar,
Como assim minh'alma prende!
Esse gesto a infeitiçar!

Não são verdes os teus olhos,
Não tem, não, do céu a côr;

Do que os garços são mais lindos,
Mais que os negros tem primor.

São castanhos tão escuros,
São diamantes a brilhar,
E tão lindos, tão formosos,
Sempre, sempre a fulgurar.

Quando fitas os teus olhos
Sobre os meus a fascinar,
Faz d'amor enlouquecer
Esse teu languido olhar.

E tua alma innocentinha
Se vê n'elles espelhar,
N'esses olhos quaes estrellas
Em céu puro a scintilar.

São teus labios purpurinos
Qual romãa a entre-abrir;
São teus dentes alvas per'las,
Alvas perolas de Hophyr.

Teu cabello assetinado
Como o ebano a luzir,
Annelado sobre o collo
Faz-lhe o alvor sobresahir.

Batte, batte um coração
Em teu peito jaspeado,
Coração que tens é d'anjo,
Ou d'um anjo copeado.

E teu talhe é tão airoso
Como o lyrio a balouçar,

Quando vem do mar a brisa
Entre os lyrios a adejar.

E mal se pousam teus pés
Na areia que lambe o mar;
Só deseja quem te vê
A teus pés ajoelhar.

J. Arthur.

A LUA D'AVINTES.

Lua minha tão querida,
Que inspiras meu coração,
Ouve os suspiros do bardo
Filhos de negra paixão;
Lança em seus ais e tormentos
Sorrisos de compunção.

Candida lua dos céus,
Que brilhas em teu fulgor,
Orgulhosa não despreses
Suspiros do teu cantor;
Proteje tetra ventura
Que sangra cruenta dor.

N'este mundo já não posso
Doce ventura encontrar,
Nas minhas faces escaldam
Lagrimas d'ardente amar,
E' sina cruel do vate
Trites tormentos penar.

Ai tristesa só vejeta
No peito do trovador,

Nem disfructa doce esp'rança
No seu infeliz amor;
Só apraz ao triste peito
Funebres prantos de dôr.

Meiga lua n'este mundo,
Meu amor é todo teu;
Jámais mulher n'esta vida
Meu amor engrandeceu;
E' amor tão puro e livre
Como elle livre nasceu.

Não sejas tu indifferente
A' divina inspiração;
Não despreses — com despresos —
A minha terna paixão,
Ao vate meiga concede
Repouso do coração.

Ouve oh lua tão querida
Os duros prantos d'amor,
Prantos de triste amargura,
Prantos de cruenta dôr,
Prantos q'em negra tristesa
Sepultam teu trovador.

Dissipa minha amargura
Lua minha anjelical,
Não mergulhes desdenhosa
Em tristura sem igual
Este coração que aguarda
Só lembranças do seu mal.

Agosto — 1848.

A. Marques.

O ESPELHO.

A' Exm.ª Snr.ª D. A.....

De que te serve oh donzella,
Liso espelho de crystal,
A que, vaidosa, penteias
A madeixa anjelical?

A que risonha suspiras
Um suspiro enganador,
Que roçando nos teus labios
Leve um beijo — sem amor!

A que vais tredos sorrires
Meigos *nadas* estudar,
Com que amante desditoso
Possas — louca — captivar!

Olha — dize-me — donzella
E' isto verdade, ou não?
Ah! tens pejo, não respondes,
O que diz teu coração?

Até n'isso o teu espelho
T'insinou a disfarçar?
Ouve, donzella, responde
Tu só vives d'enganar?

Oh!... mas não: quebra esse vidro...
Nunca mais procures ver
N'elle os teus mimos, nem queiras
Falsos risos aprender.

Setembro de 1848.

A. F. Ayres de G.

MUNDO E ETERNIDADE!

Elle etait de ce monde, ou les plus belles choses
Ont le pire destin;
Et, rose, elle a vecu, ce que vivent les roses,
L'espace d'un matin!

MALHERBE.

ERA noite, e do mar fresca brisa
Mitigava da terra o ardor,
E nos ares já o astro soidoso
Se toucava de branco vapor.

E cantava a filomella
A' branda luz do luar,
D'amor fallava a donzella
A' sombra do seu pomar;
Vem a fonte a deslisar
Per entre a penha musgosa,
A madre-silva cheirosa
Vem com a agua pratear.

A fronte de pedra do templo tristonho
Em campo d'annil estampava uma cruz,
Olhando p'ra terra no céu apontava
Esp'ranças e crença, que alli lhe transluz.

A nave forrada de negra almafega
Sombria ostentava bem fundo pesar;
A dôr, que não sente, nos longos vestidos
Ao lume dos cyrios sohia mostrar.

Em negro ataúde jazia deitada
Mimosa *belleza* par'cendo dormir;

Co' o dedo nos labios silencio ordenando
Está lá a morte com torvo sorrir.

E cantava a filomella
A' branda luz do luar,
D'amor fallava a donzella
A' sombra do seu pomar;
Vem a fonte a deslisar
Per entre a penha musgosa,
A madre-silva cheirosa
Vem com a agua pratear.

E a lage de lousa de pé sobre a campa,
Os ossos e craneos lançados no chão....
Com terra envolvidas as cinzas dos mortos,
O dobre do sino que diz = *oração* =

A luz semi-morta, que ao longe crepita
Na lampada exhausta per sobre o altar,
As sombras agita nos braços de pedra
Da arcada gigante, que o vem abraçar.

Per festas esguias no templo coávam
Os raios da lua cahidos dos céus,
Que a campa banhando mostravam o —nada— .
Ao homem — trazendo-lhe a crença de Deus.

E cantava a filomella
A' branda luz do luar,
D'amor fallava a donzella
A' sombra do seu pomar;
Vem a fonte a deslisar
Por entre a penha musgosa,
A madre-silva cheirosa
Vem com a agua pratear.

E era moça, e bella — despontava
Na aurora do existir!
Descuidada a ceifou da morte o anjo,
Colheu-a n'um sorrir!
O halito da campa desbotou-te
Linda rosa d'amor;
Mas surgindo da campa audaz t'alçaste,
Ao throno do Senhor.

Agosto de 1848.

J. A. Ferreira Rangel.

A MINHA MUZA.

Já descantei d'amor em outras eras,
Já m'enlevei d'um rosto peregrino,
Que ledo vi sorrir;
Já afaguei anhelos vehementes,
Já me nutri na terra d'esperanças,
Que cedo vi luzir.

Já doudejei, qual vaga borbuleta,
Já requestei os olhos d'uma fada
Com seu ar senhoril;
Já perfumei *Maria* com meu canto,
Já retratei na minha pobre muza
Seu semblante gentil.

Já beijei duros ferros n'este valle,
Já cantei na soidão em tarde amena
Uns labios de carmim;
Já errei n'uma serra sem destino,
Já chorei os meus dias tão damnosos
Na lyra de marfim:

Já pedi ao *Senhor* doce conforto,
Já surri esperando melhor fado,
Que o destino fadou;
Já pelo orpham verti amargo pranto,
Já vivi soccorrendo o desgraçado,
Que de dôr se finou.

Já cantei minha muza querida,
Doces horas com ella passei,
Essa vida de todo perdida
Já não choro — nem mais chorarei.

Meigas vozes soltou minha lyra,
Quando outr'ora d'alegre surria;
Hoje a custo meu peito respira,
Já não solta uma só harmonia.

Foi amor quem forjou isto tudo,
Elle só fabricou o meu mal;
Contra a sorte não ha forte escudo
Por mais fino que seja o metal!

Meu amor — era bello — era puro —
Era casto — era lindo — eu o sei —
Foi-me falso — tornou-se perjuro —
Foi por isso que logo o deixei!

Ora triste só vivo na selva,
Só m'appraz a mimosa soidão;
Minha muza descança na relva,
Como a noite é o meu coração!

Era bello esse tempo passado
N'esta terra d'encanto p'ra mim;
Sem destino divago no prado,
Não tem cordas o meu bandolim!

Eu amei minha muza extremosa
Enlevado de gosto — e d'amor;
Doudejava de a ver tão donosa
Hoje choro seu vivo fôlgor!

Já não tenho a quem cante no mundo,
Já não tenho um anhelo sequer,
Já meu peito um amor tão jucundo,
Nem deseja — nem gosa — nem quer!

Minha muza cantou com lusimento,
Com lusimento — o *bem*.
Esse tempo feliz no pensamento,
No pensamento tem!

Mui incerta — divaga ahi — doudeja,
Doudeja com pavor.
Foi ferida de morte na peleja,
Na peleja d'amor!

A saudade cruel vive comigo,
Vive comigo aqui.
Tortura o coração — não a mitigo —
Não a mitigo e ri!

Desses instantes que passei outr'ora,
Outr'ora com prazer.
Só ficarão lembranças qu'inda agora,
Qu'inda agora ouso ter!

Nem da illusão eu nutro doces scenas,
Doces scenas no val.
Nem na mente um desejo sinto apenas,
Sinto apenas o mal.

Batalha a indifferença sem rebuço,
Sem rebuço a rasão.
Curvo-lhe a minha fronte — eu me debruço,
Eu me debruço em vão!

Occulta oh minha muza o teu segredo,
Teu segredo cruel.
Não o contes, senão, eu sei que cedo,
Cedo brotará fél!

10 de Agosto de 1848.

A. Azevêdo.

A PERPETUA AMARELLADA.

Linda florinha dourada,
Das damas queridas flor,
Vai gozar os seios d'alma
Do meu bem do meu amor,
Da minha Tirce constante
Que Deus formou um primor.

Tu vives em toda a parte,
Na selva — no prado — e val,
No coração da serrana,
Ou em vasos de crystal!
Ou na terra — ou fóra della —
O teu brilho é igual.

Tu não ostentas vaidosa
O matisado luzir,
Dessas flores q'oje nascem
E ámanhã vejo cahir
Murchas — secas — e mirradas —
No seu primeiro surrir.

O teu lustre é permanente
Em todas as estações,
Tu resistes ao inverno
Aos rijos, fortes tufões,
Ao sol em dias calmosos
Rompendo tuas prisões.

Symbolo d'amor completo
Tu és florinha gentil,
Tu não murchas no meu peito
A quem o fado é hostil,
Tu não murchas assombrada
Pelas folhinhas do til.

Gosas um bem permanente,
Com que o *Senhor* te cubriu,
Com que a maga natureza
Logo ao nascer te cingiu
P'ra te mostrar oh perpetua,
Que ás outras te preferiu.

De Tirce o peito de jaspe
Desejo vás adornar!...
Revela triste florinha
O meu triste suspirar',
Conta-lhe as mágoas que soffro
Sem treguas nunca alcançar.

Constancia eterna me déste?
Censtancia eterna te dou!
E's firme? — tambem sou firme —
O meu pensar não mudou!
Aceita os meus juramentos
Ingrato não fui — nem sou!

Setembro — 1848.

A. Azevêdo.

A' MINHA LYRA.

Pobre lyra tristurosa
Quero-t'ora dedilhar,
Quero-te ouvir maviosa,
Uma canção amorosa
Brandamente acompanhar;
Que falle dos meus amores,
De meu pranto, minhas dores,
E do meu triste penar:
— Que falle de *seus* primores,
Como sabe amor fallar!

As tuas cordas vibrando,
Minha lyra, tão novel,
Mandarei de quando em quando
Um suspiro, meigo e brando
Como a briza do vergel,
Ao coração da donzella,
Que o Senhor criou tão bella,
Mas com alma tão cruel;
Que só quer, que só anhela
Ser voluvel — infiel!.....

Doce lyra, meu encanto,
Lyra do meu coração,
Tu me acompanhas no pranto
Por isso te quero tanto,
E com tão pura affeição
Prézo os sons das tuas cordas,
Porque n'elles me recordas
Da vida os trances quaes são —
Porque no seio me acordas
Os ais de dura afflicção.

Porque em ti formo protestos,
Puros protestos de amor,
Tão claros, tão manifestos,
Mas tão puros, tão honestos,
Como a violeta em flor,
Que d'entre espessa folhagem
Manda, nos bafos da aragem,
Requintes de seu odor;
Com que paga a homenagem,
Que deve ao seu criador!

Quantas vezes, minha lyra,
Prenhe de intenso pezar,
De tuas cordas transpira,
Qual da mente que delira,
Um continuo prantear —
Uma tão negra tristura,
Taes requintes d'amargura,
Sabes d'ellas exhalar,
Que da triste desventura
'Té parecem dimanar!....

E' que sentes, pobrezinha,
O pezar do trovador,
As penas em que definha
A su'alma tão mesquinha;
Cruentas penas de amor —
Por isso, lyra mimosa,
Assim tão harmoniosa
Mitigas a minha dor;
Já qu'*ella* tão orgulhosa,
Não sabe amar teu cantor!

Silva Rosa Junior.

A CORUJA.

Da noite na tréva sombria
Poisada na lápide fria
De negro eternal mausoléu,
Molesta co'a aza odiosa
A brisa fagueira, mimosa
Nefanda coruja ciosa
Dos mimos, que a sompram do céu!

Dos mimos, que a magica briza
Nos seios da mente desliza
Em bafos pejados d'amor,
Em ternos suspiros quebrados,
Dos labios da rosa roubados,
Por Deus em seu gremio criados
P'ra dar-nos á vida verdor.

Na ponta d'esguio cypreste,
Que encosta no vacuo celeste
A fronte, se vai aninhar;
Erguendo medonhos grasnidos
Parece, nos sons aborridos,
Querer acordar os sentidos
Dos mortos — faze-los penar.

Ao longe na humilde capella
Pendente de traxe singella
A lampada triste se vê,
Vertendo nas campas rasteiras
A pallida luz — mil caveiras
Nas sombras em dansas ligeiras
Parecem firmar-se de pé.

Raivosa da luz, que derrama
Da lampada a lugubre chama

Com triste funereo clarão,
Lá desce a coruja maldita
Em torno da luz, que crepita,
Voar, e co'as azas a agita
Até lhe extinguir o murrão!

Meu Deus como póde tal ave
Sentir o sublime, o suave,
Das doces ternuras d'amor?
Ou louca com meigo carinho
Rever-se n'um tenro filhinho,
Trinar-lhe de róda do ninho
Mimoso cantar do Senhor?

Não póde! que essa ave agoireira
Da morte fatal mensageira,
Não foi meigo dóm lá dos céus;
Do inferno á luz odiosa
Nasceu, e da luz desgostosa
Fugiu para a terra, medrosa
Da noite nos pavidos veus!

4 d'Agosto 1848.

A. F. Ayres de G.ª

O VATE.

Que delirio se trava dentro d'alma,
Que vozes tão estranhas me latejam
Na mente com calor?!
Que sussurro crepita borbulhante
E me róla na mente os pensamentos
Com fogo inspirador?!

Que lavas de gigante referventes

Escorrem de meu peito gota a gota
Em magos borbotões?!
Que extremos magestosos tranparecem
Açoitando-me as cordas desta lyra
Que só vibrão paixões?!

Vate! Vate não sou, que se eu o fôra,
Cantára sacros hymnos nesta terra
Em louvor do meu Deus.
Cantára nos meus cantos d'inspirado
As occultas bellesas que s'encerram
No mar, na terra, e ceus.

Cantára docemente, em voz sonora,
Gentilesas d'amor, suaves queixas,
Seu magico poder.
Ciume roedor, que cala n'alma,
Abrasador inferno, que só deixa
Mil lagrimas verter.

Vate! Vate não sou, que se eu o fora,
Cantára qual poeta desterrado
O amor da linda Ignez.
Exalçaria o ninho meu paterno
Abatendo Alexandre, e o gran' Trajano,
Como Camões o fez.

Cantára o patrio Douro d'orgulhoso
Tão lindo, tão gentil, tão prateado,
Nesta linda estação.
Soberbo, procelloso, na corrente
Quando os ventos caminham impellidos
Pelo rijo tufão.

Vate! Vate não sou, que se eu o fora,
Cantára n'esta lyra qual Homero

As desgraças fataes.
De Troia, de Penelope, e d'Helena,
A quem amor forjou tão duros males
E prantos lacrimaes.

Cantára vencedor o novo mundo
Segunda vez creado por Homero
No seu canto immortal.
E que em quanto existir um só vivente
Acatado será seu nome augusto
N'este orbe terrial.

Vate! Vate não sou, que se eu o fôra,
Cantára como Dante o negro inferno,
O fero Satanaz.
A's nuvens arrojára este meu peito
Para descortinar tetros arcanos
Que sabel-os m'apraz.

Cantára do passado, e do presente
A creação do vasto firmamento,
E o futuro tambem.
Para vaticinar como os profetas
A sorte deste povo miserando,
Que em ferros se detem.

Vate! Vate não sou, que se eu o fôra,
Cantára o paraiso como Milton,
E os lindos seraphins!
As grandezas celestes que alli gosam
Os humanos christãos em brandos laços
Junto dos cherubins.

Cantára esconjurando os torpes vicios,
A soberba, o rancor, os feios crimes
C'o atroadora voz.

E dobrando os joelhos, minha fronte,
Alçaria meu canto ante o divino
Orando em prol de nós.

Agosto — 1848. *A. Azevêdo.*

O SONHO DOS MEUS SONHOS. *Augusta?*

Enlevo d'olhos meigo encanto d'alma,
D'onde has tu vindo divinal donzella
Nas regiões da vaga fantasia
Gerou-te a mente acêsa.....
COUTO MONTEIRO.

Oh sonhada visão! não vens ingrata
Não vens aqui viver?
CORDEIRO.

Foi sonho, ou foi visão? gentil donzella
Veio no meu dormir com mão suave
Espargir flores brando meigo aroma
Fatidica promessa arremessar-me
A' carreira do meu viver mesquinho.

Vi-a... fallou-me d'amor,
E me disse: *trovador*
Sê feliz; porque te amo,
Quero-te mais do que o gamo
Quer á selva, em que nasceu;
Tem p'ra mim um teu sorriso
Venturas do Paraiso,
Tem um mundo, que é só meu.

E o som de sua voz tinha harmonias

Nunca d'homens ouvidas, que na terra
Outras não ha que tal encanto tenham,
Senti-me ir apoz ellas meus desejos
Atados os levou com meu destino.

Tinha a fronte de marfim,
Terno o olhar de serafim,
Palida a face mimosa,
Nos doces labios a rosa,
Pura rosa virginal;
Fragrante o halito brando
E como a aurora chorando
Era meiga e divinal.

Mas foi visão ou sonho que na mente
Me rolou açodado e fugitivo
E qu'eu louco vesti de meus anhelos?
Oh! não foi sonho... vi-a: o gesto lindo
Me volveu, carinhosa, apiedado.

Era em noite de verão
Em que branda viração
Bafejava a terra ardente,
Em que a lua refulgente
Tingia o campo dos céus,
E de nuvens destoucada
Com sua côr prateada
Vestia mil coruchéus.

Era noite para amar....
Manso vinha além o mar
Com seus braços azulados;
Cingir rochedos cavados,
A'quem a beijar a 'flor,
Que d'entre as folhas pendia

A filomella corria
Sonhando gosos d'amor.

Que noite aquella foi, e que segredos!
Dormindo a natureza revelava
Do coração ao homem! e sorria
No seu doce sonhar toda enlevada
Porem ella?.. onde está?... Onde s'esconde?
Soidosa, fugitiva, qual crepusc'lo
Da tarde que soluça d'agonia
Entre vascas e languida s'escôa
N'um veu mystico envolta me fugiu.
Eras do céu porção, ornato santo,
E vieste revelar cá n'este mundo
D'amor altos misterios... ou cahiste
Do throno do Senhor onde engastada
Entre rubins fulgias radiosa?
Qual foi tua missão? porque te occultas?

Vem cá donzella onde vais
Não receies... pois se cahes
A' voragem, d'este mundo
Lá do pélago no fundo
Hir-te-hei eu mesmo arrancar;
Mas sobe ao serro alteroso
Mostra-lhe o rosto fermoso
Verás que t'hade adorar.

Se quer's amor eu t'o dou
Que a minh'alma a ti voou
Sequiosa por amar-te;
Nenhum homem sabe dar-te
Mais carinho do que o meu,
Não são afagos da terra,
Não, que o mundo não encerra
Este amor que é só do céu.

Se mais não hei de ver-te, se perdida
Para sempre vais ser luz de meus olhos
Se em trevas visitar, rojar nas trevas
E' esse o meu condão leva-me a vida
P'ra que a quero se a alma me levaste.

Agosto de 1848.

J. A. Ferreira Rangel.

A POMBA.

(No Album do meu amigo C. P. de Faria.)

Branca pombinha dos céus
Onde vais nesse voar?
Nesse voar tão ligeiro
Que faz as auras pasmar?

Vais ao longe em praias ermas
Carpir amargo pesar?
Ou sobre o seio da esposa
Terno suspiro soltar?

Ou de amante desditoso
As boas novas vais dar
A' bella sua, que ao longe
Por elle está a chorar?

Branca pombinha dos céus
Onde vais n'esse voar?
Nesse voar tão ligeiro
Que faz os auras pasmar?

Vais ao prado verdejante
Mimosa hervinha buscar,

Com que teças brando ninho
Para os filhinhos crear?

Vais na mão da triste amada
Terna cartinha entregar?
— Ou em teu bico tão lindo
Saudade vais levar!

Branca pombinha dos céus
Oh! deixa assim de voar:
Olha: dize-me, onde vais
Tão ligeira sem parar?

Mas não pára... continua
Já passou além do mar
Segredos, que lhe disseram
Não os sabe revelar:

Oh! bem sabe, que não deve
Taes segredos declarar,
Eram segredos de morte,
De peito, que vive a amar.

24 d'Agosto de 1848.

A. A. F. Braga.

A EXISTENCIA DA MULHER.

Ha no mundo uma existencia
Como a existencia da flôr,
Que no jardim bruxoleia
Com o seu candido alvor;
— Bella existencia fadada
Por terno condão de amor,

Se mais não hei de ver-te, se perdida
Para sempre vais ser luz de meus olhos
Se em trevas visitar, rojar nas trevas
E' esse o meu condão leva-me a vida
P'ra que a quero se a alma me levaste.

Agosto de 1848.

J. A. Ferreira Rangel.

A POMBA.

(No Album do meu amigo C. P. de Faria.)

Branca pombinha dos céus
Onde vais nesse voar?
Nesse voar tão ligeiro
Que faz as auras pasmar?

Vais ao longe em praias ermas
Carpir amargo pesar?
Ou sobre o seio da esposa
Terno suspiro soltar?

Ou de amante desditoso
As boas novas vais dar
A' bella sua, que ao longe
Por elle está a chorar?

Branca pombinha dos céus
Onde vais n'esse voar?
Nesse voar tão ligeiro
Que faz os auras pasmar?

Vais ao prado verdejante
Mimosa hervinha buscar,

Com que teças brando ninho
Para os filhinhos crear?

Vais na mão da triste amada
Terna cartinha entregar?
— Ou em teu bico tão lindo
Saudade vais levar!

Branca pombinha dos céus
Oh! deixa assim de voar:
Olha: dize-me, onde vais
Tão ligeira sem parar?

Mas não pára... continua
Já passou além do mar
Segredos, que lhe disseram
Não os sabe revelar:

Oh! bem sabe, que não deve
Taes segredos declarar,
Eram segredos de morte,
De peito, que vive a amar.

24 d'Agosto de 1848.

A. A. F. Braga.

A EXISTENCIA DA MULHER.

Ha no mundo uma existencia
Como a existencia da flôr,
Que no jardim bruxoleia
Com o seu candido alvor;
— Bella existencia fadada
Por terno condão de amor.

Desabrocha innocentinha,
Quando começa a viver,
Préza os carinhos do mundo
Qu'inda não sabe entender,
Tudo lh'é grato na vida
Nada a pode entristecer!....

Mas este viver tão puro,
Este viver de illusão,
Só a mulher o conhece
Que tem livre o coração,
—Qu'inda não sente arreigada
D'amor intensa paixão.

— Qual a flôr que o sol desabre
Nas verduras do jardim,
E patenteia garbosa
Seu botão de carmesim,
Mulher — mulher cá na terra
Não é teu viver assim?...

Vives como os castos anjos
Aos pés do throno de Deus,
Até que um homem perverso
Profane os encantos teus;
Àpoz de ter tuas faces
Manchado com beijos seus!

E saciado de gosos,
Sem ter mais que desejar,
Esquece teus sacrificios,
Pode-te alfim olvidar!
— Pobre mulher, assim murcha
Esse teu viver de amar!

E traida tão vilmente,
Mulher, tornas-te cruel;
E não crês que haja no mundo
Homem que seja fiel:
— Em paga de suas juras
Das-lhe só de amor o fel!....

São-te gratos seus suspiros,
Seus suspiros d'afflicção,
Que o coração lhe requeimam
Como a lava d'um volção;
E com surrir d'ironia
Pagas-lhe sua affeição!

.....

E vives assim no mundo
Que tu vieste adornar —
O teu amor é d'um anjo,
O teu odio de matar!...
Mulher ama — não odeies...
Sabe tambem perdoar!

Silva Roza Junior.

A' MEMORIA DE MINHA MÃI.

Na campa acha repoiso a casta esposa
Que em negra viuvez,
Qual rôla solitaria e pezarosa,
Mais que gemer não fez.
CABRAL COUCEIRO.
Estrêas Poeticas

SOLTA oh lyra triste canto
De mistura com meu pranto,

A infeliz já falleceu!
Seu martyrio angustiado,
Seu coração desgraçado
A negra terra envolveu.

Chora lyra luctuosa
A minha mãi já morreu.

Trovador! a tua sina
Que mau fado te destina
Envolta n'um denso veu,
Males tão duros encerra
Que imagina-los aterra
A quem nunca os padeceu.

Chora, chora, triste Bardo
A minha mãi já morreu.

Da morte o anjo funesto
Com seu payoroso gesto
Sua victima escolheu,
E lá leva apressurado
A mãi deste desgraçado
Que se doe... porqu'a perdeu.

Toma luto pobre lyra
A minha mãi já morreu.

Ao frio somno da morte
Entregou-se desta sorte,
A creatura cedeu,
E sem dó deixou a vida
Em duros males perdida...
Sem dar um ai feneceu.

Chora, chora, inculta lyra
A minha mãi já morreu.

Meu coração retalhado
Chora esse pó adorado,
Que na campa s'escondeu,
Para castigar minh'alma
Que s'adorna d'uma palma
Que negra sorte benzeu.

Suspirai cordas saudosas
A minha mãi já morreu.

Morreu!... su'alma descança
Gozando leda privança
Do *Senhor* da terra e ceu:
E com affecto materno
Implora, pede ao Eterno
Por quem tanto a estremeceu.

Chora lyra luctuosa
A minha mãi já morreu.

26 de Março de 1848.

A. Azevêdo.

UM RETRATO

Não tenho côr's com que possa
Teu lindo rosto pintar,
Só ao d'um anjo do ceu

Eu o posso comparar....

A alvura de teus dentes
Excede quasi o marfim,
São de rosa as tuas faces,
Os teus labios de carmim.

Os teus cabellos, tão bellos.
São negros! que linda côr!...
Os teus olhos são dois astros
Que cegam com seu fulgor:

Na perfeição de teu rosto
Esmerou-se a naturesa,
E só anjo pode ter
Tão peregrina bellesa.

Não tenho côres com que possa
Teu lindo rosto pintar,
Só ao d'um anjo do céu
Eu o posso comparar...

1.° de Outubro de 1848.

A. Moraes.

INSCRIPÇÃO

Para o sepulcro d'um emigrado.
(Vertido de M: *de la Rosa*)

DETEM-TE amigo e diz: *branda, e ligeira*
Esta terra te seja.... se é que póde
Sê-lo nunca jámais terra estrangeira.

Novembro 1848. *A.*

A MARIPOSA.

Porque voas
Mariposa,
Tão donosa
No vergel;
Das florinhas
Encantada
Namorada
De seu mel?

Tuas azas
Tão douradas,
Matizadas
De carmim,
Dão um brilho
Feiticeiro,
Tão fagueiro —
Não é assim?....

Entre as folhas
D'alvo lirio,
Com delirio
Vais pousar;
Fascinou-te
Sua alvura,
Que de pura
Não tem pár.

Fascinou-te,
Mas por pouco;
Qu'é tão louco
Teu amor,
Que só dura
Um momento
Com alento,
Com vigor.

Qual a virgem
Orgulhosa,
Que formosa
Julga ser;
Que só ama
Seus encantos,
Doces prantos
Sem verter!

Que 'té julga
Que no mundo
Em profundo
Prantear,
Só vegeta
Fida amante,
Que constante
Sabe amar!

Tambem julgas
Pobre alada,
Tão amada
No vergel,
Que só deves
Um instante,
Ser amante —
Ser fiel!...

Que só deves
Por um pouco,
Esse louco
Teu amor,
Votar todo
Com presteza,
A' lindeza
D'uma flôr!

Mas no calis
Da açucêna,
Que de amena,
De louçã,
'Té parece,
De formosa,
D'alva rosa
Ser irmã:

Vais ligeira,
Borboleta
Indiscreta
Te pousar;
P'ra de novo
N'outras flôres
Teus amores
Empregar! ....

Por um pouco
Tu contentas,
Acalentas
Uma flôr,
E p'ra outra
Voltas logo
O teu fôgo
Seductor.

Tambem essa
Virgem bella,
Qual estrella
Da manhã,
Q'eu adoro
Extremoso,
D'amoroso....
Tão louçã!...

E' voluvel,
Caprichosa —
Nem bondosa
Sabe ser;
Nem minóra
Soffrimentos,
Que cruentos
Me faz ter!...

Corre, vôa,
Trêda alada,
Que cançada
T'has de achar —
Essa vida
D incertezas,
Só tristezas
T'ha-de dar.

Silva Rosa Junior.

O CRUZEIRO DO BARDO.

(AO MEU AMIGO *A. J. d'Azevêdo Guimarães.*)

L'amour! j'ai le chanté, quand plein de son delire
Ce nom murmuré faisait vibrer ma lyre,
Et que mon cœur cedait ao pouvoir d'un coup d'œil
Comme la voile au vent qui la pousse a l'ecueil

LAMARTINE.

HUMILDE cruzeiro, e nsolo do Bardo,
Que lanças na vida torrentes d'amor,
Que fazes vibrar-lhe nas cordas da lyra
Um canto despido de sanha e furor.

Nas brisas da noute em silencio pensando;
E' quando vem triste seus males carpir;
Deixando em despreso vaidades do mundo,
Que ao triste só prantos lhes deixam sentir.

Por ti o seu seio contente palpita
Em transes cruentos de amargo soffrer,
Prostrado de lucto, gemendo tormentos,
Nos campos da vida sómente a gemer,

Por ti inspirado seus males se esquecem,
A lyra funerea a teu pés vem depor;
Pedindo, por ti, aos archanjos celestes,
A Deus, e aos homens, um hymno de amor.

E quando se enroscam nesta alma as ideias,
Tristonhas lembranças de acerbo pungir,
Debalde na mente procuro o passado
Querer sepultar em risonho porvir.

Minh'alma gemendo de todo se curva
Nos males do mundo em tristeza, a chorar,
Querendo asylar-se em teús braços sagrados,
Por ti os seus cantos na lyra vibrar.

De amor abrasada ao Eterno só pede...
A's culpas de todos invoca perdão,
Lembrando que o impio não deixa na terra
De ser qual o justo tambem seu irmão.

Assim como o justo nos mares da vida
Tuffões procellosos a pobre soffreu,
Da taça dourada dos gosos amargos
As féses acerbas perdida bebeu.

.....

Não descanta minha harpa os amores,
Quando em mar de illusões se entregava,
Desta vida esquecendo os rigores,
Que em momentos ditosos gosava.

Nem já tira esses sons de harmonia,
Que no seio esse amor lhe inspirou;
Por donzella por quem se abrasou,
Pobre peito que tanto soffria!

Não prevendo o abysmo profundo,
Que aos meus pés o delirio cavava,
Enganosas vaidades do mundo,
Só por ellas na terra sonhava.

Quando nella meus olhos volvia,
Quantas vezes em goso nadei,
E da lyra em delirio arranquei,
Sons vibrantes que o peito sentia.

Desgraçado ! de tudo esquecido,
Minha patria, meu Deus, meus deveres,
Só por ella na terra hei perdido
Vejetando em mentidos praseres.

No meu soffrer desgraçado
Quantas lembranças oh cruz,
De tristesa ha dissipado
Os raios da tua luz!
Quantas vezes minha lyra —
Na tua imagem delira,
Quando em horas de soidão
Da vida a negra tristura
Transforma em doce ventura
Tristesas do coração.

Como a donzella brincando
Em folhas desfaz a flôr.
Meus dias foram gosando
Da sorte o duro rigor.
Qual o sorriso de infante
Sentiram n'um só instante
Triste esperança sorrir.
Como a louca mariposa
Que ardendo na luz formosa
Vê sua vida fugir.

Assim na terra soffria
De amores meu coração,
Quando insensato nutria
No peito amarga illusão.
Por isso, na vida perdido
Tu és o amparo querido
Do peito do trovador,
Quando na terra se inspira,

Quando em silencio suspira,
Ternos suspiros de amor,

Ao Bardo que resta singelo cruzeiro
Sosinho no mundo, soffrendo na dôr?
Orando, por ella, lançado em teus braços;
Só resta pedir-lhe o perdão do *Senhor*.

As cordas da lyra regadas em pranto
Ao Bardo não servem senão p'ra cantar,
Suspiros do peito, canções d'harmonia,
Remorsos qu'ao Bardo só fazem chorar.

Do mundo despréso por ti os prazeres,
Por ti eu não temo da sorte o rigor,
Nem quero da terra seus gosos mundanos,
Só quero de ti um surriso d'amor.

Dezembro de 1848.

A. Marques.

SUPPLICA, a D. Miguel 2º

... the wish of a poet....
Perhaps is approv'd in the skies.
WILL.^m CAWPER.

Une femme cherie.. oh! voila tons mes vœux.
ALFREDE GENTY.

SENHOR! eu contricto da vida passada,
Que louco gastei
Em torpes amores, em brincos, em — nada,
Vos pesso humildoso a — mulher — destinada
Dizendo = pequei!

Pequei: oh! meu Deus, e quem sabe se insano
O fiz com prazer?
Se alegre gosava d'um goso mundano
Quem pode dizer?

Minha alma vazia de meigos pensares
Ao mundo arrojei,
Sem norte vogava em nonadas vulgares,
Sem vida, sem lei.

Sem vida! que vida não foi a existencia,
Que assim corrompí!
Sem lei! porque a lei que me deu vossa essencia,
Eu louco menti!

Pequei: mas Senhor (minha face o demostra!)
Vos pesso perdão;
Meu corpo cançado, sem vida, se prostra
Do templo no chão.

E triste, e contricto da vida passada
Vos rogo Senhor
Me deis o meu anjo — a mulher destinada,
A ser o meu *idolo*, a minha odorada,
A ser meu amor.

Abril de 1848.

A. F. Ayres de Gouvêa.

A MULHER E A ROZA.

Mulher ama — não odeies...
. . . . . .

SILVA ROZA JUNIOR.

Quero-te mais do que o gamo
Quer á selva em que nasceu.
. . . . . .

J. A. FERREIRA RANGEL.

LINDA florinha soidoza
Quem t'arrancou deste val?
Desta terra primoroza
Em que vivias gostoza
Entre as rozas do rozal?
Onde vivias d'amores
Sem soffrer penas, nem dores,
No mimozo Portugal,
Onde offuscavas as cores
Do ribeiro de crystal?

Seria ingrata donzella
Que nunca t'idolatrou?
E que de ver-te tão bella,
Ou mais fermosa do que ella,
Deste valle t'arrancou?
E vencida de ciume
Que o coração lhe consume
Neste vazo te lançou,
D'onde fugiu teu perfume,
Onde teu viço murchou.

Oh! se foi ella eu desejo
Lança-la aos feros leões,
Castigar o seu despejo,

Tão cruel, tão malfasejo
De pungentes aflicções;
E depois de bem ralada,
Quero ver a desgraçada
Nessas vastas solidões,
Como tu soffrer calada
Torrentes de maldições.

Oh! como corre meu pranto
Sem vida te poder dar!
Como augmenta o meu espanto
Ver-te despida d'encanto
Qual a terra a negrejar!...
Mulher, mulher fementida,
Insensivel, pervertida,
P'ra que m'a foste roubar,
P'ra que lhe tiraste a vida,
Que só Deus sabe formar?

Branca roza! os meus segredos
Hão-de comigo morrer!
Dias tristes, sem folguedos,
Além, naquelles rochedos,
Descontente irei soffrer.
Hirei cumprir minha sina
Tão custosa, tão ferina,
Mas que não posso vencer,
Que meu fado me destina
Sem rasão para isso ter.

Neste valle retratavas
Tua maga, nivêa côr:
Como rainha reinavas
E com teu brilho captavas
Os olhos do trovador;
E os olhos dessa homecida,

Que o doce sopro da vida
Te roubou com dezamor,
De ciume enraivecida,
Por ser lindo o teu alvor.

Sem brilho, triste e sosinha,
Nesse vazo de crystal,
O teu viver se definha
Como a viuva rolinha
Que soffre dor sem igual.
Ahi, sem ser expressiva
A tua vida se priva
Desse brilho angelical,
Dessa alvura, que captiva
Branca roza divinal.

Dos meus amores imagem
Foi esse teu existir;
Dediquei-te vassallagem
Na tua breve romagem
Sem te querer possuir.
Porem mulher insensata
O teu brilho desbarata,
E com fingido surrir,
Desta vida t'arrebata
E desfaz o teu porvir.

Agora o fado maldigo
Que de gallas te vestiu,
Para ser cruel comtigo,
P'ra decretar-te um castigo,
Que meu coração feriu.....
Nesta vida ás vezes scismo,
E por mais que eu a sophismo,
Sinto que est'alma cingiu

Para arroja-la ao abysmo
Que negro fado lh'abriu.

Dezembro. — 1848.

A. Azevêdo.

O ROUBO DA DALIA.

(*A' Exm.ª Snr.ª D. C. C. G.*)

« Tão bella quanto pode imaginar-se.
CAM.

UMA Dalia rubicunda
Vi jucunda
N'um ramalhete a brilhar,
Vi qual vejo o sol doirado
Quando é nado,
N'um ledo dia a raiar.

Vi qual vejo alma donzella
— Qual estrella —
Entre graças, entre amores,
Da manhã á luz rosada
Engraçada,
No jardim entre os verdores.

Vi das pét'las nas pontinhas
— Tão lindinhas! —
Da cecem a côr nevada...
Apoz pender de tristura
E amargura
Por se ver agrilhoada.

Tentei pois eu resgatal-a
E livral-a
Da prisão em que jazia:
Penso n'isto... e d'improviso
Eis que um riso
Meigo, della a mim fugia...

Entendeu-me... parecia
Me dizia
— " Vem o meu pé desprender... "
Tiro a Dalia, e mui contente
Brandamente,
No meu seio a fui 'sconder.

14 de Novembro 1848.

M. J. X. Souza Guimarães.

SEMPRE ELLA. *Augusta!*

—Possa um dia dizer, sou teu — és minha —
Possa nos braços teus gosar uma hora,
Perguntarei ufano aos reis da terra
Que valem c'roas, potentados, mundos?!

A. Lima.

Muito te amo minha lyra
P'ra meus cantos modular,
Para aquella a quem adoro
Os meus cantos dedicar,
Os meus cantos de ventura,
De feliz, ardente amar.

N'esta vida de tristuras
Deu-me Deus um coração,
De donzella mui constante
Como não ha outra, não;
De donzella que me adora
Com a mais cega paixão.

Quando o sol no céu desponta,
Eu me alegro de escutar,
De terna ave innocentinha
O tão lindo gorgear;
Porque de meigo se casa
Com o meu feliz trovar.

Se nas aguas d'um ribeiro
Vejo o sol a reflectir,
Seu fulgor eu não invejo —
E' mais bello o meu porvir....
Quem d'amor poder tivera
Doces laços d'exprimir?!....

Gozando o céu cá na terra
De tristesas nada sei,
Nem o ciume em meu peito
Eu jámais acalentei;
Só amor, felicidade,
Sempre n'elle eu encontrei.

Os seus olhos tão formosos
Sempre me dizem que sim,
Sempre me dizem ternura,
Que jámais pode ter fim;
Olhos castanhos não mentem
— Maria, não é assim?...

Nas crenças que sempre tive
Só agora acreditei,
Pois um anjo de bondade
Eu na terra deparei.....
Tem da Mãi de Deus o nome,
O nome que eu sempre amei.

Na sua alma tão formosa
E de bondade sem par,
Eu encontro doce alento
Para a desgraça affrontar,
Para vencer a tristesa,
Para a morte despresar.

12 de Novembro — 1848. *C. F.*

UM SONHO DA INFANCIA.

(Ao meu amigo *Joaq: M. R. V.*)

What's man?
POPE.

Oh! tempo de ventura, infancia minha
Em que é tudo o *presente*
Sem acerbo lembrar d'esp'ranças loucas
Que os intimos do peito dilacerem.

Oh! tempos de ventura, infancia minha,
Como veloz passaste!
Os sonhos do futuro dera eu todos,
Embora certos fossem p'ra voltares.

Oh! sim, eu dera todos. Que m'importam

Se o *presente* é o mesmo?
Se, o que foi, não deslembra; se além d'elles
Um duvidoso feretro negreja?

P'ra que mandado, ao mundo foste, ó homem,
Qual missão é a tua?
Da sapiencia filho? Da ignorancia?
Tu rei da naturesa? Escarneo antes?

Ah! pensamento vão, não te mergulhes
A' luz da sapiencia,
N'esse abysmo insondavel. Crê. A crença
E' balsamo sómente ás chagas d'alma.

Infancia, em tuas scenas imbebido
Jámais me será dado
Passar da triste vida o que me resta
Recordando-lhe as flor's, deslembrar frutos?

Poderá o futuro sempre incerto
Arrancar-me do peito
Fragrancia, que atravez de mais d'um lustro,
Me perfuma inda grata os seios d'alma?

Oh! não. Tenho no mundo assaz vivido,
Assaz exp'rimentado,
Que toda a sua flôr se colhe murcha:
De corrupção eivado todo o fructo.

Oh! quero, quero sim viver comigo
Na saudade abrigado,
Infrenes vendaveis embora varram
Este inscontante mar, que chamam mundo.

A. T. Macêdo.

O OUTONO.

Ainsi, prêt â quitter l'horizon de la vie,
Pleurant de mes longs jours l'espoir évanoui,
Je me retourne encore, et d'un regard d'envie
Je contemple ses biens dont je n'ai pas joui.

LAMARTINE.

Os bosques já despiram suas gallas
D'alvura — e de verdor —
E já não luz nas folhas dos salgueiros
Do sol a linda côr

Os seus troncos — sem folha e sem verdura —
Abatem a cerviz;
Qual dama que perdeu em verdes annos
Os encantos gentis.

Seccas — myrradas — sem verdor — sem vida
Alastram todo o chão;
Dispersas pela terra remuinham
A mercé do tufão.

O outono não consente que nos prados
Reina o verde alecrim —
O cravo — a rubra roza — o branco lyrio
Nem o lindo jasmim.

Assim meu rosto enruga — e se desbota
Sem de leve surrir;
Assim meus dias correm de continuo
Sem um goso fruir.

1 de Dezembro 1848.

J. G.

VINGAR-ME-HEI.

De terno amor casta esp'rança
Esmagou-m'a vil traição —
Mas em troca, da *vingança*,
Nasce a voz no coração;
Nasce e diz-me: — « *Porque temes?*
Cobarde! porque assim gemes?
Que t'importa o teu rival?
Que t'importa, s'iracundo
Tens — contra injurias do mundo —
O ferro do teu punhal?... » —

E oh! que tenho, pois de cégo
Meu *punhal* jámais perdi,
Nem quando, em louco socego,
Junto *d'ella*, adormeci;
Nem então, que os meus amores,
Meus cuimes, minhas dores,
Tudo, tudo lhe contei:
Elle viu.... porem, segredo!
Se as *juras* quebrou tão cedo,
Minhas *juras* cumprirei.

Foi-me falsa.... Em vão! qu'importa
D'um *demonio* infando amor?
Se a vida jaz *quasi* morta,
Q'importa mais uma dôr?
Qu'importa, se da *vingança*,
Nasceu fagueira esperança
Bem funda, no coração?
Qu'importa, arquejar exangue
Vingando o sangue c'o sangue,
Uma traição, com traição?

E hei-de *vingar-me*.... D'um corte
Meus tormentos acabar,
Hei-de, entre os braços da morte,
A meus pés vê-lo expirar;
E bradar-lhe: — "*Vil falsario,*
Dorme sem cruz, nem sodario,
Insepulto, á luz dos ceus....
Dorme, dorme um somno eterno,
Que a alma lá tens no inferno —
S'alma tens... s'existe Deus! „

E sorrindo-me arrogante,
Hei-de calca-lo a meus pés,
Arrastra-lo, palpitante,
Junto *d'ella* inda uma vez —
E dizer-lhe: — "*Com teus braços*
Vai dar-lhe meigos abraços,
Vai junto d'elle dormir!...
Vai, mulher... cinge-o comtigo,
Té que do final jazigo,
Fria terra o vá cubrir! „ —

Dir-lh'o-hei... Embora um dia
Brilhe o cutello do algoz,
E nas horas d'agonia,
Do remorso escute a voz!
Que m'importa? Quem s'humilha
No *cadafalso*, se brilha
Inda, a seus pés, um punhal? —
Se o — *lemma* — do condemnado,
Foi sobre a campa traçado
C'o sangue do seu rival?

Porto 29 de Dezembro de 1848.

Alexandre Braga.

O SUSPIRO MENSAGEIRO.

(*A Exm.ª Snr.ª D. J. M. B. S.*)

É noute — no pallor do firmamento
Brilham estrellas mil com luz tão linda,
Que mais parecem finos diamantes,
Preciosos rubis, que a mão d'um anjo
Cravára na saphira immensuravel,
Que a mansão do Eterno circundeia.

E n'estas fragas erguidas,
Que de continuo batidas
São pelas ondas do mar —
Virei carpir meus tormentos,
Meus amargos soffrimentos
Virei ás noutes chorar:

Virei carpir a saudade,
Casta filha da amisade,
Nascida no coração:
Virei suspirar por *ella*,
— Dos meus sonhos doce estrella, —
No centro d'esta soidão.

Nas leves azas de sêda,
Da briza fagueira e leda,
Vou-lhe um *suspiro* mandar:
— Vôa, vôa, almo suspiro,
E á virgem por quem deliro
No seio te vai pousar.

Dize-lhe: *virgem mimosa*,
Recebe meiga e bondosa,

Do teu pobre trovador —
D'amor suave lembrança —
Doce, fagueira esp'rança,
Firme protesto d'amor.

Ah! sabe que sobre a terra,
Seu amor será só teu,
Que te amará lá no Empyrio,
Se é dado amar-se no ceu.

Corre vôa meu suspiro,
Meu mensageiro vai ser,
Os soffrimentos do bardo
Não deixes de lh'os dizer.

Mas se acaso *ella* indiffrente
Não te quizer escutar,
Vem ligeiro, meu suspiro,
Torna p'ra mim a voltar.

Que não quero que tu possas
Seu coração affligir,
Nem de seus labios mimosos
Murchar o doce surrir.

Porem se bondosa e meiga
Te abrir o seu coração,
Se n'elle te dér lugar,
Te dér provas d'affeição:

Pede-lhe então que me envie
Meigo suspiro de amor,
Que venha tornar mais doce
O porvir do trovador.

E' noute — no pallor do firmamento
Brilham estrellas mil com luz tão linda,
Que mais parecem finos diamantes,
Preciosos rubis que a mão d'um anjo
Cravara na saphira immensuravel,
Que a mansão do Eterno circundeia.

Silva Roza Junior.

A MULHER!

A' Exm.ª Snr. D. A.....

I've learned a lesson.....
I'll lead a better life with you.
C. MACKAY.

Já na terra, em meigo enlevo
Sonhos d'engano sonhei —
Em meus sonhos, outros tempos
Anjo formoso encontrei.
A. BRAGA.

Mulher! funebre idea, que sem termo
Me poisa dentro d'alma dia e noite;
Que o coração contínuo rala, e punge
Com acerbas lembranças de seus males —
De dia em grossas nuvens, todas negras,
Em sombras pela tarde, a todo o passo,
Seus gestos me figura a torva mente:
A' noite (hórrida vista!) negro vulto
Dos infernos penhor, m'assalta o somno!
Arcabouço, fantasma, espectro, ou morte
Junto ao leito se rí, e a mão mirrada
Rangendo os ossos sobre a cama poisa!..
Mulher! cruel negrume de meus dias,
Oh! deixa-me um momento a sós co'a vida

Gosar o ceu, a terra, o mar, as flores,
A lua, o sol, os prados, as estrellas,
Levar aos pés do Eterno os sons d'um hymno,
Na sacra corda dedilhado a custo;
Oh! deixa que um momento — um só momento—
A vida eu gose em libações d'amores;
D'amores puros como a pura aurora
D'um longo dia do verão calmoso,
A borrifar perfumes namorados
Pelos jardins, e prados, pelas selvas
Aos lyrios, aos jasmins, ás madresilvas —
Que possa inda uma vez amigo somno
As palpebras cerrar-me pouco e pouco;
Ou então junto a *tí*, em terno abraço,
De novo te offertar nos puros labios
Um beijo, qual outr'ora — oh! não — não quero—
Que os beijos que me déste, e me roubaste,
Inda com pejo as faces me rescaldam!

——

Eu pulsei a minha lyra
Na maga idade infantil,
Quando via ainda em sombras
A mulher — anjo gentil.

Quando linda como a rosa,
Branca rosa inda em botão,
Que nas folhas s'ergue altiva
Sem temer rijo pegão.

Quando bella, terna, e casta,
Sempre tímida a corar,
Eu a tinha nos meus sonhos,
Meigos sonhos de matar,

Quando branca como a véla

A brincar na vaga azul,
Que ora foge, ora apparece
Mais ufana, mais taful.

Quando meiga como a lua
Entre estrellas a tremer,
Se revê na branda fonte
Pelas pedras a gemer.

Foi então, que nos meus versos,
A mulher a Deus pedí —
Meiga, virgem, terna, e bella
Como em sonhos eu a vi.

——

E Deus compadecido de meus rogos
No peito lhe verteu em brandas gotas,
Doce nectar d'amor, que apressurado
Bebi dos labios d'*ella* a longos tragos,
Unindo-a contra mim em terno abraço;
Mas — inferno! um instante voltou tudo!
Meus firmes juramentos despresando,
Aos pés calcou meus votos, meus prazeres;
Suspiros, rogos, lagrimas, ternuras
Com desdem despresou;... surriu vaidosa!

——

Oh meu Deus! que não possa eu na vida
A mulher de meus sonhos gosar;
Que não possa da lyra sentida
Terna voz pela sua afinar!

E per tardes d'estio cantando,
Sobre as penhas erguidas do mar —
Ver as vagas na praia rolando,
A seus pés de mansinho quebrar.

Ver-lhe as tranças no collo de neve,
Branda briza com mimo beijar;
Ver na boca risonha e tão breve,
Um sorriso continuo pairar!

Ver seus olhos tão lindos, tão ternos
Meigos, castos sem falla — a fallar —
N'um sorrir, que mil gosos eternos
Vem nos seios do peito vazar.

Ver-lhe a mão de marfim melindrosa
Com ternura na minha apertar;
Ver-lhe ao menos a sombra mimosa
Ante mim de continuo passar.

Que não possa na lyra sentida
Nem sequer o seu nome cantar!
Oh meu Deus! que não possa eu na vida
A mulher de meus sonhos gosar!

Mulher! que ês tu na vida, mais que um sonho
Sempre e sempre a ralar os fios d'alma?
Teu olhar, teu sorrir, teu niveo seio,
Teu mimoso fallar, em brandas fallas,
As almas perpassando deixam mudas:
Mudas; mas frias; raras vezes — mornas —
Raras — bem raras — que o sorriso meigo,
Que brinca ternamente entre teus labios,
Não vôa ao peito meu, não cala n'alma.
Tens bella a face; mas informe o peito;
Com beijos mil, enfermos de ternura,
Pagas um beijo só, que os labios vibram,
Do interno d'alma entre perfumes vindo!
Gela-te os labios glacial surriso
Ao ver rojar-te aos pés o *fraco* amante.
Vacillas no querer, não tens firmado
Por sobre o coração d'amor sacrario;

Eevas n'um sorriso (á vista puro!)
A mente além do sol, divinisando-a;
Mas n'um sorrir tambem lhe despedaças
As mimosas ficções, e assim nos tornas
A vida em sonho, as illusões em nada!
Perjurando mil votos, que offertaste,
Nem sombra de rubor te assoma ás faces.

Vou pedir-te, ó meu Deus, cá do fundo do peito
Uma prece singella de triste cantar;
Vou rojado na terra, curvalo em respeito
Minhas penas d'amor a teu seio levar.

Essa ingrata mulher, que eu amei com loucura,
Despresou com desdem meus carinhos d'amor;
Minhas magoas, meus ais, minha dita futura
Desbotou, e sumiu como ao vento alga flor.

E nos olhos d'um outro mil gosos vertendo,
Entre as mãos de marfim talvez ora a affagar
Essa mão, que eu devera, de raiva rangendo,
Estalar entre as minhas, faza-la voar.

Orgulhosa, e quem sabe?... de mim esquecida
Maganente entre mimos lhe deixa colher
Doce beijo, que a mim vezes mil dera a vida,
E que eu só de seus labios devera sorver.

O' meu Deus, descorai-lhe das faces as rozas,
De seus labios de nácar sumì o carmim;
Deslustraí-lhe o brunido das mãos melindrosas,
E do collo nevado offuscai-lhe o setim.

Que sentida os meus votos então relembrando,
A meus pés venha em prantos com terno fervor
Implorararme perdão: em meu seio arquejando
Beijos, mimos, ternuras, meiguices depôr.

Oh! não — mil vezes - não - meu Deus, não posso
Ver-lhe mais o surrir, ver-lhe as meiguices,
Tragar dos labios *d'ella* o fel d'um beijo!
Não mais da vil perjura o rude ouvido
Beberá d'entre as brizas meus descantes,
Em tarde amena reclinada á sombra
Da verde copa da florente acacia.
Não mais da branda lyra as doces cordas
Soltaram a tremer mimosas notas,
Em extase amoroso, harmonisadas
Co'a doce aragem de manhã modesta.
Sómente á vós meu Deus, em puro extremo,
D'ora em diante sagrarei meus carmes
Dos labios d'alma ao couação descidos;
Ou quando em nuvens recatada a noite
Qual timida viuva inda donzella
Pelo espaço s'alonga brandamente,
Ou quando vem a aurora desprendendo
Dos ramos dos carvalhos os cabellos
Da nevoa matutina, e manda a briza
Açoitar as pegádas somnolentas,
Sómente então meus versos envolvidos
Em celestes perfumes d'harmonia
Irão, d'entorno a vós, soar ditosos.

Porto, Setembro — 1848.

Por Ayres de Gouvêa.

A DESPEDIDA DO ANNO.

(*A Exm.ª Snr.ª D. * * * **)

Sumiu-se ; já não fulgura
Do mundo o immenso pharol.
.....

A. Lima.

Para o nada a correr, se afana o homem;
No debil embrião começa a morte;
Entre mimos de mãi nos foge a infancia;
Entre affagos d'amor se enroscam penas;
No horisonte a descer se escóa a vida,
Vai na tumba finar-se.

A. X. R. Cordeiro.

Meia noite bateu no sino grande
D'alta, vetusta Sé.
Mais um anno sumido na voragem,
Que nos occulta a fé.

Oh donzella! repara com soidade
N'esse anno, que passou.
Assim veloz o tempo um anno menos
No teu viver marcou.

Um anno!... e quem dirá, que seja o ultimo,
Que terás de gozar,
N'este mundo de gostos, e remorsos,
D'esp'ranças, e penar!

Para perto da tua sepultura
Caminhas sem saber;
Tão frágeis nos formou a divindade....
Tão fracos em soffrer.

E do anno que lá vai que resta agora
Donzella divinal?
Lembranças, que talvez te cauzem dôres,
Que pungem sem igual.

A vida vai seguindo seu caminho
Sem — um nada — parar,
Té que chega o momento de ir dar contas
A Deos, que hade julgar.

E quem sabe se o Vate desditoso
Primeiro cumprirá
Esta lei immutavel do destino,
Sem saber onde irá.

Ah! se eu podesse as portas do futuro
De par em par abrir,
Eu te contara oh Dama dos meus sonhos
O teu, e meu porvir.

Satisfeitos dest'arte os vãos desejos
Do pobre trovador,
Gozaria na terra um paraizo
De divinal amor.

E' vedado aos mortaes saber a sorte
Que nos destina Deos.
Nem o sabem os anjos, que residem
Na vivenda dos Ceos.

Oh! adora, confia, acata, e teme,
De *Deos* as sacras leis.
Celestes cantos tece á divindade
Louvando o rei, dos reis.

Só assim gozará doce esperança
Teu triste coração,
Só assim alegrias verdadeiras
Gozarás na soidão.

31 de Dezembro 1848. *A. Azevêdo.*

REMINISCENCIAS.

(*No album do meu amigo Alfredo Allen*)

Le mon songe de bonheur fut vif;
il fut de court durèe.
CHATEAUBRIAND.

Eu amei já uma virgem
Era bella como a roza,
E mil beijos imprimia
Nessa face tão mimosa.

Eram negros seus cabellos,
Negros tinha os olhos seus,
Miudas per'las os dentes
Os labios nacar dos Ceus.

Tinha um collo alabastrino
Mais qu'italico setim;
Semelhava o lindo seio
O perfume do jasmim.

Uma estatua di-la-hieis
Que cizel grego sonhou,
Que o anhelo do poeta
De brando fogo animou.

Em meus braços muitas vezes
Docemente adormecia:
A puresa de su'alma
No semblante se revia.

Lindos labios lhe beijava
E as alvas ondas do seio...
Humanas fallas não podem
Exprimir meu devaneio!...

Despertando, contra o peito
Palpitante me cingia,
Collava aos meus os seus labios
De ternura me transia.

Era um Ceu sem uma nuvem,
Um viver sem desventura,
Ai de mim! = E' tempo = brada
Ferrea voz da sepultura.

E do meu amor a virgem
Oh pendeu... cahiu... murchou!
Do grande Adonai ao seio
D'onde brotara voltou.

Nem sequer lhe poude ouvir
O final extremo adeus!
Cerraram-se os negros olhos
Sem s'incontrarem c'os meus.

Quiz fallar-lhe: a boca..., muda;
Fitei-lhe os olhos... fechados;
O semblante... palidez:
Os labios... roxos, collados.

Mas inda assim era bella,
Era bella como a roza,
E mil beijos imprimi
N'essa face tão mimosa.

Palpei-lhe o seio... já frio
Era mudo o coração
Ficou na morte de gêlo
O que em vida foi volcão.

E' pois certo. Ella morreu!
O meu sonho terminou!
Oh! tão venturosos fados
Nunca uma campa incerrou.

Que me resta se a 'sperança
Não dá fogo ao coração?!
Que me resta se esta vida
Não a cobre uma illusão?!

Nem da saudade o consolo,
Triste dom do desgraçado,
Pode esquecer o presente
Nas venturas do passado!...

Oh! só, só sem uma crença
A que me possa acolher,
Mais do que a vida morreu-me,
Anniquilou-se o meu ser!

A. T. Macêdo.

ERA TÃO LINDA, A GRAÇA MAIS...

Eu já vi uma virgem na terra
Com mais graças, que a graça da roza,
Já d'amor lhe rendi doce culto,
Já beijei sua face mimosa.

Era linda, mais linda que.... as lindas,
Era meiga, mais meiga que.... amor;
Era um anjo do Ceu, era.... tudo,
Que ha de bello, de puro e primor.

Tinha gestos, carinhos, sorriso,
Tão sublime como eu jámais vi;
Captivava d'amor — e captivo
Adorei-a e por ella morri.

Tinha a voz tão suave, tão bella,
Qual jámais éstro algum lhe relata: —
Era linda, era meiga, era um anjo,
Era encanto de amor, mas.... ingrata.

T. Augusto.

A TORRENTE.

(*A' Exm.ª Snr.ª D. Candida Amelia Coutinho.*)

OLHA... Não vês, além, como a torrente
Por ingremes rochedos despenhada,
Solta, e resolta, com fragor ingente,
E foge apressurada?

Repara, e vê, ao longo das campinas,
Como agora, aos teus pés, geme saudosa
Por entre a verde relva, entre boninas,
Descendo vagarosa:

Depois.... olha, lá vai sumir as aguas
Com tão lugubre som, tão gemebundo,
Por esses areaes, entre essas fraguas,
No pélago profundo!

Imagem da existencia! — Assim a vida
Por penhas tem acêrbos dissabores,
Por tapete gentil d'herva florida,
Por boninas — amores.

Tambem — ai triste! — ao cabo da existencia
Negro abysmo sem fim negrejar vemos,
Negro e bem negro .. é a campa! — Da innocencia
Ah! foge, foge e amemos.

Coimbra 6 de Janeiro de 1848.

Alexandre Braga.

UMA HORA A PENSAR N'ELLA.

O meu fado infeliz foi só de amar-te,
Foram destinos teus ser sempre amavel.
GARRETT.

EXISTE n'este mundo uma donzella,
Pura, gentil, formosa como as graças,
Meiga como dos ceus mimoso archanjo,
Que no throno de Deus aos pés sentado
Surri, com divinal, brando surriso.
Se acaso para mim volve seus olhos,
Doce extase de amor me ferve n'alma;
Creio ter ante mim dos céus um anjo,
Que mandado por Deus, p'ra meu encanto,
Fôra á terra 'onde eu triste vegetava —
'Onde o bardo nem tinha quem seus carmes
Lhe viesse inspirar, lhe désse crença!....

Vê-la e sentir amor foi um momento....
Nem eu acho expressões com que compare
Seu gesto divinal — surrir d'archanjo,
Que leva tanto amor ao seio d'alma;
— Que seria do meu viver delicias,
Se acaso para mim sempre surrisse....
Se seus olhos tão meigos, tão fagueiros,
Me fallassem de amor sincero e fido,
Qual o que dentro n'alma me batalha!....

Mas nem sequer lhe apraz um só sorriso
Mandar ao trovador,
Que venha acalentar esta minh'alma
Pungida por a dor!

Que venha minorar a desventura
De meu triste soffrer,

E que tornasse ao menos por um pouco,
Alegre o meu viver!...

— Não sabes, meiga virgem dos meus sonhos,
Que sem o teu amor odeio a vida?
Que o mundo para mim tristeza eterna
Encerra, como encerram os infernos
Eternas chamas, permanentes fógos?
— Não sabes qu'este amor, que me inspiraste,
E qu'eu sinto no peito a referver-me,
Qual torrente de lava, qu'impellida
Da cratera fervente do Vezuvio,
Nas campinas á pouco verdejantes,
Tudo escalda e só cinzas patenteia —
Tambem m'escalda o sangue, e a vida toda,
Que daria por ti, se um leve aceno
De teu gesto tão meigo, tão formoso,
A exigisse de mim como uma prova
D'este amor, que por ti só sinto n'alma!
— E tu talvez que nem sequer ao menos,
Te deslize na mente um pensamento,
'Onde o bardo partilhe de teus sonhos:
— Talvez que nem sequer uma saudade
Me votasses, se acaso a desventura
Para distantes plagas m'impellisse!
.....
.....

Anjo dos sonhos meus, oh! não me odeies,
Recebe o meu amor —
D'elle em troca sequer uma esperança
Envia ao trovador!

Amo-te como ha pouco quem na terra
Conheça amor assim,

Como só lá nos céus amar costuma
A Deus o seraphim!...

Anjo do céu, formosa entr'as formosas,
Não sejas, não, cruel;
Ao amor que inspiraste ao pobre bardo,
Corresponde fiel.

Tu és p'ra mim o sêr, a vida, e tudo,
Sem ti viver não sei....
Sem ti — sem teu amor — jámais no mundo
Ventura gosarei!...

Quando outr'ora tão linda e donosa,
Casta virgem dos céus, eu te vi,
Este amor eu libei de teus olhos,
Este amor, que só sinto por ti.

Era em tarde d'estio calmoso,
Por campinas e balsas passei
Mil donzellas eu vi, mas nenhuma
Como a ti em minh'alma gravei.

Qual a rosa qu'impera nas flores,
Entre as *bellas* te vi a reinar,
Teu divino semblante a surrir-se
Tudo, tudo, me fez olvidar!

Breves horas passaram ligeiras,
A ventura com ellas passou:
O porvir era negro e tristonho,
Seu aspecto minh'alma assustou!

E perdido nas varzias da vida,
Meu amor quiz no peito occultar,

Foi desejo frustrado — não pude;
Tu venceste — jurei de te amar.

Minhas juras não são fementidas,
Nunca o foram — jámais o serão:
Ei d'amarte no mundo que habito —
'Te no céu t'ei d'amar — porque não?

.. ..
.. ..
.. ..

Fragrancias de poeta oh! não me'illudem,
Se me assaltam por pouco o pensamento,
Cruel realidade alfim negreja,
E os sonhos de ventura desparecem,
Quaes estrellas do ceu, que densa nuvem
Occultara ao menino que contente
Quiz por ellas contar futuros dias!

S. João da Foz 26 de Janeiro de 1849.

Silva Rosa Junior.

A UMA SENHORA,

COM AS OBRAS DE CAMOENS.

(*Vertido de Lord Byron.*)
No Album do meu amigo Alf. Allen.

D'ESTIMA profunda esta prenda votiva,
Talvez, ó donzella, de mim vais prezar;

D'amor doces sónhos descanta affectiva ;
D'amor, que devemos jámais despresar.

Quem cégo o censura senão o demente,
A velha enganada e perdida mulher?
Ou graves pupillos da escola prudente
Em pobre tristeza mandados viver?

Ah! lêde donzella com peito sensivel,
Jámais entre aquelles tu tens d'existir;
Em vão meus debates não tem d'insensivel
A's penas dos vates fazer teu sentir.

Oh! foi em verdade um suberbo poéta!
Fingido não foi o seu fogo d'amor;
Como elle tu podes d'amor ser a meta,
Mas não, como a elle, doar-te o rigor!

Dezembro 1848.

Ayres de Gouvêa.

CONSOLAÇÃO

Tive um tempo [illegible] a vida,
Esse tempo depressa passou;
.....
.....

INEDITO.

Oh meu anjo querido, não chores,
Bellos dias tambem já gosei,
Como tu, eu já tive prazeres,
Se prazeres na vida encontrei.

Sepultado nos gozos do mundo,
Orgulhoso de tudo zombei;
Do passado não tenho saudades,
Nem do tempo que triste passei.

Nesta vida tão cheia d'enganos,
Encontrar a ventura julguei;
Os meus sonhos depressa fugiram,
Negra sorte sómente eu achei.

Por donzella formosa d'encantos,
A minh'alma innocente pulsou;
Só volcões no meu peito sentia,
Só por ella de amor se abrazou.

Meus desejos ardendo em ternura,
A perjura surrindo acceitou;
Prometteu-me ser sempre constante,
Porem logo aos seus votos faltou.

Caprichosa me foi a fortuna,
Em tristezas meu peito lutou;
Qual a brisa ligeira do norte,
N'um instante meu goso passou.

Oh meu anjo querido, não chores,
Bellos dias tambem já gosei;
Como tu, eu já tive praseres,
Se praseres na vida encontrei.

Suffocado por tantos desgostos,
N'este mundo sósinho gemi;
Oh meu Deus, tu sómente conheces,
Quantas mágoas por ella eu soffri.

Minhas crenças douradas do berço,
Desvairado em seus braços perdi;
D'illusões passageiras vivendo,
Minhas penas na vida esqueci.

Pouco tempo durou tal ventura,
O rigor do despreso senti;
Como tu, oh meu anjo querido,
Illudido tambem já vivi.

Oh meu anjo querido, não chores,
Bellos dias tambem já gosei:
Como tu, eu já tive prazeres,
Se prazeres na vida encontrei!

Janeiro — 1849.

A. Marques.

SUPPLICA.

No album do meu amigo J. E. Malheiro.

C'est fini.
V. Hugo.

Onde irá velejando o pensamento?
A quem hão-de escutar ouvidos d'alma?
A quem hão-de fallar voz da ternura?
Onde um viço nasceu, que não desbote?
Onde vive a mulher que ha-de ser minha?

J DE LEMOS.

Vôa, vôa pensamento
No silencio e soledade,

Vai levar á minha amada
Do trovador a saudade,
Vai mostrar-lhe, que em meu peito
Não morreu — felicidade —

E tu, lua, astro saudoso,
Vérte sobre a minha lyra
Casto condão de magia,
Que esse teu luar respira
— Dos volcões, que te incendeam,
O fogo ardente lh'inspira.

Oh! talvez que agora mesmo
Te contemplem olhos seus,
Busquem lêr em tuas manchas
Quaes pensamentos os meus!
Sempre constante será
Dize tu, digam os céus.

Quantas vezes, quando pleno
O teu disco fulgurava,
Nas minhas patrias campinas
Eu com ella vagueava:
Suas fallas — mudos labios —
Era o sorrir, que fallava.

Era o sorrir, que fallava,
Era o gesto divinal,
Eram olhos delirantes
Com seu olhar ideal,
Eram almas desprendidas
D'um involucro mortal.

E meus labios se juntavam
Dos seus labios no botão,

Seu coração palpitava
De encontro ao meu coração.
.. ..
.. ..

E agora — solta, ó lyra
Melodias infernaes,
E tu, ó astro maldito,
Sóme teu brilho aos mortaes:
Bráde o inferno d'entre chammas
Junto a ella..... Nunca mais. —

A. T. Macêdo.

A DOR MATERNAL.

A' Exm.ª Snr.ª D. Eliza Kunhardt, na morte de sua extremosa filha, a Exm.ª Snr.ª D. Julia Maria Kunhardt.

Eu venho gemer sósinha
Das campas no cemiterio;
Esvai-se a minha ternura
Em morte, cinza, mysterio.

J. F. DE SERPA.

TRAJA a noite, em negros giros,
Escuras roupas de dó,
Agoureiro mocho pia....
Ouve-se nas trevas só,

Os eccos mudos se mostram,
Não lhe prestam, não, a voz,
Aos tristes pios do mocho,
Que prediz morte veloz.

A donzella se apavora,
Solta prantos lacrimaes,
Solta suspiros soidozos,
Mas não solta tristes ais.

Ai! a Virgem tem ralado
De soffrer — o coração —
Porque na terra só gosa
Tormentos, dor, afflicção.

Os olhos embaciados
Fita na imagem de Deos,
A' mai, à mão descarnada
Volve dizendo-lhe = adeos.

Mas grito d'anjo da morte
Nesse momento ecoou,
E os olhos lindos de Julia
Eternamente feéchou.

Triste mãi, sentidas queixas,
Do peito deixar sahir,
Pois inda as cinzas do esposo
Negro luto a faz vestir.

Luto que cobre seu corpo,
Não iguala o negrejar,
Que lhe assombra o triste peito
Sempre, sempre a suspirar.

Chama Deos em seu auxilio
Em lamentozas canções,
Infeliz, que só na terra
Soffre duras afflições.

Dia de luto e saudade,
Sempre este dia será;
Só por ti, sobre o sepulchro,
Chorar o Bardo virá.

Anjo querido, descança
Do teu fado tão cruel,
Esgote eu da taça as fezes
Qu'encerra amargoso fel.

Cobre o véo do passamento
Nobre fronte virginal,
Cofre de graças e mimos,
De virtude angelical.

Janeiro — 1849. *A. Azevedo.*

[illegible]ELLA.

(*Parodia.*)

A LYRA sonora de Tasso quizera,
Do vate dos lusos seu estro sem par,
Seu rosto tão puro, tão lindo, tão meigo,
Em versos — sem conta — quizera cantar,

D'Urbino pintor, eu quizera a palheta,
Quizera de Canova o scopro empunhar,
Então o meu genio fizera uma imagem,
Um nume ante o qual eu m'iria prostar

Quizera do Oriente as pedras mais finas,
As per'las mais bellas que vem de Gondar,
Formára com ellas gentil diadema....
Fizera-o na fronte tão linda brilhar.

Quizera ser rei, ter corôa, ter sceptro,
Se fôra possivel no mundo imperar,
Quizera inda mais, ser um anjo, ser Deos,
Poder-lhe este amor que é só seu offertar.

Quizera... mas ai! os meus sonhos tão aureos
No mundo não posso jamais alcançar,
E tu a quem amo, por quem dera a vida,
Em vão o meu pranto me vês derramar ?!

Louzada.

A SAUDADE.

(*Ao meu amigo M. J. da Silva Rosa Junior.*)

Minha lyra, eu bem quizera
As tuas cordas vibrar,
E sem custo, oh! quem me dera
Poder em ti dedilhar —
Mas é triste o teu condão,
Não me dás inspiração!....

Minha lyra és desgraçada,
E' fraco teu trovador;
Tu ja tens desafinada
A corda que diz amor —
E que póde sahir bom
Da corda que não tem som?

Essa corda não encerra
Um som que exprima paixão,
Que não ha mulher na terra
Que lhe dê afinação!....
— Essa corda é desprezada
Porqu' está dezafinada.

Mas nem só quem tem amor
O punge viva saudade,
Tambem sofre o seu rigor,
Quem tem fiel amizade:
N'um e n'outro sentimento
Se sofre o mesmo tormento.

De duas cordas sómente
Hei-de os sons agora amar,
Porque vem tão brandamente
O meu canto acompanhar;
A primeira é d'*amizade*,
A segunda da *saudade*.

E na lyra docemente
Quiz de brando dedilhar;
Ao meu amigo auzente
Fui meu canto dedicar —
E' bem fraco na verdade,
Mas é canto d'amizade.

A. Moraes.

A DESCRENÇA.

Canta agóra quem t'inspira,
Quem te anima, ó minha lyra,
Na negra sina da vida:
Tuas cordas enlutadas
Quem as tange compassadas
Em canção triste, e sentida.

N'outro tempo a virgem linda,
Que não esqueceste ainda,
Os teus carmes inspirou.
Nas doces trovas d'amor
Celebravas com ardor
Quem agora.... t'olvidou!

Foi estrella, que brilhando,
Por um pouco vagueando,
Lusiu, lusiu, e deixou
Em densa treva involvido,
Quem a adorava, tão fido,
Outra luz nunca gosou.

Foi um anjo de ternura,
Modulando com doçura
Teu sentir, e teu trovar;
Em demonio hoje tornado,
Deixou-te por triste fado
Este amor para... olvidar.

Mas tens inda quem te inspira
Teu cantar ó minha lyra;
Novo amor tens mais constante!
Não é anjo nem estrella,
Nem gentil, meiga donzella;
Em amor sempre inconstante.

Tens por fado... a desventura,
Por amor... descrença dura,
Nos protestos da mulher!
Canta pois, ó minha lyra,
Novo canto que te inspira,
Novo amor... o teu descrer!

Que importa que tuas trovas
Não lhe inspire doces provas,
Um olhar em languidez?
Quando o olhar d'uma donzella
Occulta, não nos revella,
De seu peito a hediondez!

Se não tens labios mimosos
Que te fallem fervorosos
De ternura, com ardor,
Qu'importa? se os labios mentem,
Dizem cousas que não sentem
E ses peitos sem amor!

Qu'importa que um anjo lindo
Não tenhas meigo sorriddo,
Um sorriso de ternura?
Quando demonios no peito
Divisamos com despeito
Nos seus rostos só doçura!

Qu'importa... Mas basta, ó lyra,
Qu'inda encontras quem t'inspira,
Sem anjo ser, ou mulher!
Novo amor tens mais constante,
Nova musa mais amante,
Canta, pois o teu descrer!

27 de Novembro 1848. *J. U.*

O SARAU.

D.

A' Exm.ª Snr.ª D. Joanna Carlota de Barboza Leite Paulet

HARMONIAS divinas resoam
Por luzido — brilhante salão,
Lindas donas, formosas donzellas,
Cavalheiros sem conta lá 'stão.

Entre danças aereas — ligeiras,
Vai-se alegre uma noute passar —
Um sarau é um céu cá na terra
P'ra quem pode esta vida gosar.

Um sarau doce enlevo no mundo
Quantas vezes a amantes não dá?
Quantas vezes fagueira ventura
No sarau um amante achará?...

Ao contacto da mão que se adora,
Ao libar um sorriso de amor,
'Onde ha 'hi coração, que não sinta
Da ventura o ligeiro fulgor?

'Onde ha 'hi coração, que perverso
Queira d'homem as crenças descrer,
Que ao sentir o contacto d'um anjo,
Não se sinta de amores morrer?

Que ao surriso d'um gesto fagueiro
De donzella formosa e louçã,

Não lhe fuja a descrença do peito
Qual orvalho do sol da manhã?

Folgam damas — cavalheiros,
Tudo folga a bom folgar,
Só eu do prazer de todos
Triste não sei partilhar;
Para mim não ha ventura,
E' triste o meu vegetar!....

Amigo que tanto préso,
A virgem que sempre amei,
Não 'stão commigo nest' hora,
A causa porque — não sei!
— Aprouve a Deus que assim fosse,
Eu triste me curvarei!

Folgam damas — cavalheiros,
Tudo folga a bom folgar,
Só eu do prazer de todos
Triste não sei partilhar;
Para mim não ha ventura,
E' triste o meu vegetar!....

Entr' as damas mais formosas,
Uma qu' eu vejo a florir,
Une aos meus, seus pensamentos,
Temos o mesmo sentir —
Joven feliz a quem ama,
Não lhe vem aqui surrir.

— Pobre virgem, tambem sentes
As tristuras do pesar;
Tambem crueis pensamentos
Vens c'os do bardo casar:

Porem *elle* ama-te, ó virgem, —
E' só p'ra ti seu amar.

E *ella*, talvez n'est'hora,
Olvidando o trovador,
Esquecendo descuidosa.
O meu soffrer — meu amor,
Se surria d'indiff'rente,
Aos trances da minha dor!...

Folgam damas — cavalheiros,
Tudo folga a bom folgar,
Só eu do prazer de todos
Triste não sei partilhar;
Para mim não ha ventura,
E' triste o meu vegetar!...

O sarau, esse qu'importa,
Não tem encantos p'ra mim,
Tristuras que sinto n'alma
Na terra não terão fim;
Para ser mais venturoso,
Ao sarau não é qu'eu vim!...

Alta a noute já vai — entre danças,
Meigas fallas, requebros d'amor,
Se passou descuidosa p'ra aquelles,
Que não soffrem requintes de dor.

Que não sentem cruel desventura,
Nem arfando de triste pesar,
Coração se lhe expande no peito,
Em continuo, cruento pulsar!.....

Para o bardo foi noute tristonha.....

— No sarau fui bem pouco feliz:
Negra *linha* bordou-me a existencia,
Do mais negro, mais triste matiz!

Casta virgem, qu'em sonhos aereos
A ventura na vida me dá —
Casta virgem louçã e donosa,
Qual a rola fagueira.... 'onde está?...

Foi um sonho nutrido entre sonhos,
Essa crença que amor só me deu —
Doce esp'rança fugiu-me do peito,
Para sempre n'est'alma morreu!...

Alta a noute já vai — entre danças,
Meigas fallas, requebros de amor,
Se possou descuidosa p'ra aquelles,
Que não soffrem requintes de dôr!

S. João da Foz, 24 de Janeiro de 1349.

Silva Rosa Junior.

MEU PAI E A FADA.

(*Imitação.*)

Em um dia formoso e brilhante,
Lá na terra do meu Maranhão,
Quando eu era de todo um infante —
Muitos annos de certo já vão.
Aos meus gritos meu pai vem correndo,
Chega ao berço e me encontra a chorar,
Tendo ao lado uma fada a beijar,

Minhas faces em pranto escorrendo,
Que mimosas canções me cantava,
Quando em prantos no berço eu chorava.

O bom velho lhe diz carinhoso,
« Que destino meu filho terá?
Diz-lhe a fada — « um futuro formoso
« Reservado a teu filho será;
« Estudante, poeta ou guerreiro,
« Sempre a Patria no peito ha-de amar;
« Só por ella ha-de a Lyra pulsar;
« Té seu canto final derradeiro.
Depois ella canções me cantava,
Quando em prantos no berço eu chorava

« No verdor dos seus annos, contente,
« Para tudo ha-de alegre surrir,
« Sendo o allivio do pobre indigente,
« Consolando-o em seu negro porvir.
« Nos palacios dourados do forte,
« Tambem hão-de os seus cantos vibrar;
« Tambem ha-de em seus dias lançar
« Meiga paz aos caprichos da sorte.
Depois ella canções me cantava,
Quando em prantos no berço eu chorava.

« Minha amiga — lhe diz em tristura,
Meu bom pai vendo taes predicções:
« Não será para mim desventura,
« Que meu filho só faça canções?
— « Não te illudas, taes cantos ligeiros
« Do proscripto ha-de o pranto enchugar,
« Com taes cantos se podem cantar,
« Altos feitos da patria guerreiros.
Depois ella canções me cantava,

Quando em prantos no berço eu chorava.

Inda hontem a fada formosa
Radiante ao meu quarto assumou;
Desfolhando em desleixo uma rosa,
Para mim deste modo fallou:
« Dos teus annos a vida respira,
« Vai nas cordas da lyra arrancar,
« Ternos sons que te faça expressar
« A poesia que a fada te inspira. »
Depois ella canções me cantava,
Como quando no berço eu chorava.
Janeiro — 1849.

A. Marques.

MUNDO E DEUS.

Fere óh dôr um mortal desventuroso,
Fere este coração triste e queixoso,
Ralado de soffrer.
Não t'apavorem lagrimas que verto,
Nem prolongues a vida neste apêrto,
Pois desejo morrer.

A vida! e será vida a que hoje vivo
Sem um prazer gosar, um lenitivo
Embora enganador?
Não! e se é não a quero, eu a regeito;
Pois não vivo um momento satisfeito
Neste mundo impostor.

Amor, docura, e paz, não sei que seja,
Amor sincero e puro, qual deseja
Este infeliz mortal,

Qual minh'alma s'apraz em defini-lo,
Qual minh'alma imagina possui-lo
N'um extasis real.

Oh! !quantas vezes' quantas illudir-me
Eu busco, eu tento, louco! p'ra despir-me
Deste pensar atroz;
Mas não posso vencer-me, do que sinto;
Porque um poder fatidico eu presinto,
Eu lhe ouço a rouca voz.

Oh! deixai-me subir ante o *Supremo*
A quem adoro e canto! e neste extremo
Meu perdão impetrar.
Lançai ao vento as cinzas muito embora
Deste triste, que os bens do mundo ignora;
Arrojai-as ao mar.

Onde vives doce esp'rança,
Que te não posso fruir?
Onde vives que não posso
Teu doce sopro sentir,
Nem sinto o teu doce bafo
Encantar o meu porvir.

Vem lisongeira depressa
Com sorriso inspirador,
Acalentar este triste,
E mesquinho trovador,
Que vive — sem já ter vida —
Neste mundo enganador.

Deus d'eterna justiça, aos deslembrados
Incredulos, fallazes, depravados
Fulmina Senhor já.

Atenua seus membros vigorosos
Para que soffram estes criminosos
O mal que escripto está.

Não vos compunja a dôr, os seus clamores
Nem os prantos de tão feros raptores
Que negam teu poder.
Deixa que vivam nessa cruel luta
Que seus amargos dias tanto enluta
Que tanto os faz soffrer.

Não acolhas as suas tristes preces;
Porque se hoje, Senhor, os favoreces
Renegam-te ámanhã.
Criminosas cabalas, vis enredos,
Oh! elles forjarão nos seus folgaedos
Qual faz o mau christão.

Rasgue-lhe o coração enfurecido
A dôr, a negra dôr que ha merecido
Essa turba loquaz.
Surge, surge! proteje o desgraçado,
Que proclama teu nome acrisolado
Deus de celeste paz.

Não fujas, senhor, escuta,
Minhas preces, meu gemer,
Não despreses estas vozes,
Não fulmines meu viver,
P'ra que possa d'humildoso
Acatar o teu poder.

Se criminoso peccado,
Fechar-me faz braços teus,
Encaminha esta minh'alma

Para que possa , meu Deus ,
Vir a gosar algum dia
Tua presença nos céus.

Que frases lisongeiras , cavilosas ,
Que melicas palavras mentirosas,
Que dobres corações,
Que laços , que d'enredos estudados ,
Que anhelos, que carinhos, os malvados
Encobrem nas acções.

E não has de estes feros atrevidos
Estes perfidos , loucos presumidos
De prompto fulminar ?
Hão-de sempre forjar a iniquidade ,
Hão-de sempre attentar contra a verdade ,
Sem nunca os castigar ?

Tu que no alto do céu sempre resides ,
Que tudo vês , e mandas , e decides ,
Castigai-os *Senhor*.
Fazei que soffram dias procellosos
Que não gozem os bens tão preciosos,
Que soffram voraz dôr.

Heide prostrado então ante os altares
Meu peito libertar dos meus pezares,
Heide-te bem-dizer.
Heide os males despir, o meu desgosto,
Heide então vêr sorrir teu aureo rosto
Banhado de prazer.

Já desliza este meu peito
O seu pranto , o seu pezar ,
Já não luta contra a sorte

Que o queria castigar,
Já não soffre os oppressores
A quem *Deus* prouve vingar.

Dou-te graças incessantes,
E prostrado ante esta cruz,
Tu illuminas minh'alma
Com a tua pura luz,
Que reverbera no templo
Onde resides — Jesus!

A. Azevedo.

A INFANCIA.

Oh! como tu me recordas
.....
Doce viver dessas horas
Da aurora doce da vida!

J. DE LEMOS.

BRINCA, brinca ó pomba minha
Mui azinha
Vem no meu seio aninhar-te,
Repousar do teu folguedo,
Que tão cedo
Tua infancia faz passar-te.

Vem correndo a affagar-me,
A animar-me
Com teu carinho innocente,
Com teus braços melindrosos
Tão mimosos!

Estreitar-me o peito ardente,

Vem os teus labios poisar,
E colar
Neste meu labio abrasado,
Vem mitigar meu ardor,
E o rigor
D'um amor desesperado.

D'um anjo, que eu vi em sonho,
Mui risonho
Tens os olhos, e o sorrir,
Beijar quero os olhos teus,
Que dos céus
São estrellas a luzir.

Vem dizer que toda a vida
Oh! querida
Me darás tua affeição.
Teus labios de serafim
De carmim
Oh! mentir não sabem, não.

E brincava e brincava contente
Do jardim entre folhas e flores,
Qual bonina da briza affagada
Vai brincando louçã em verdores.

E corria e pulava risonha,
Como pula, correndo, o cordeiro,
Que sentiu vir a mãi lá ao longe
A balar pelo serro do outeiro.

Já brinquei como ora brincas,
Já corri entre folguedos,

Já fui assim pequenino,
Já passei dias mui ledos.

Mas logo os annos vieram
Tristes coisas me ensinar,
O doce engano tirar-me,
D'illusões o veu rasgar.

Fui depois sempre infeliz,
Era credulo, innocente,
Julguei o mundo ser bom....
Não o crêas, que te mente.

Foge delle ó meiga rôla,
Nos meus braços vem lançar-te
Esconder a face linda,
Que máo olhar pode dar-te.

J. A. Ferreira Rangel.

OLHA-ME!....

Se me odeias, virgem bella,
Porque me dás um olhar?
Não sabes, linda donzella,
Qu'isso é minh'alma matar?
— E' tornar-me desgraçado;
E triste, e desventurado,
Dar-me um viver d'afflicção —
Dar-me um viver d'agonia,
Sem d'amor doce magia
Rociar-me o coração!...

Amas-te-me descuidosa,

Deste-me quasi um sorrir;
Ao ver-te assim tão formosa
Tentei p'ra longe fugir;
Não pude, a tua magia
Ao pé de ti me prendia,
Quiz-te ver, quiz-te adorar;
Surrias com tal lindeza,
Que senti minh'alma prêsa —
Que 'té jurei de te amar!

Qual o lyrio, que do prado
Entre a relva foi nascer,
Com tal mimo, tal agrado,
Que 'té do dia ao romper,
A casta — formosa aurora,
De seu garvo se namora,
Saudosa lhe diz adeus:
Tu brilhas entre as mais bellas,
Qual a lua entre as estrellas
Brilha de noute nos céus.

E teu brilho de rainha,
De teus olhos doce olhar,
Esta existencia mesquinha
Vieram-m'a agrilhoar:
Linda virgem, que fizeste?...
Tornar-me infeliz quizeste,
Roubaste-me o coração!...
— Em trances de desventura,
Esta minh'alma tão pura
Té votou pura affeição....

Mas és d'outro aventurado,
Já lhe deste teu amor;
Que me resta.... desgraçado....

Que me resta?... triste dôr!....
Dá-me um olhar tão sómente,
Oh mata-me novamente,
Que p'r'o mundo já morri:
Foste p'ra mim breve sonho....
O porvir esse é medonho,
Qual espectro que surri!....

Silva Rosa Junior.

A COSTUREIRA.

Costureira é minha sorte,
Não ha vida mais feliz;
Como todos represento,
Meu papel que bem condiz;
Neste mundo sou rainha,
Sou pequena imperatriz.

Eu não tenho pergaminhos,
Nem de *pau* tosco brasão;
Não são grandes, mas modestos,
Os meus sonhos d'ambição —
Como os grandes tem seus gosos,
Meu, singello coração.

Da duqueza não invejo,
Seus arminhos a brilhar;
Suas seges, seus brilhantes,
Minha paz não vem turbar;
Meu repouso é sempre o mesmo,
Porque sempre o sei achar.

Para mim a linda chita,

Faz alegre o meu viver;
Sem ter seges tenho cultos
De quem sabe padecer;
Tambem mando: aos meus acênos,
Eu me faço obedecer.

Sendo pobre, meus cortejos,
Não tem vil adulação;
São sinceros os meus preitos,
Nascem só do coração;
Oh quem dera a muita gente,
Ter tão doce condição!

Trabalhando noute e dia,
No descanço acho praser;
Repartindo minhas horas,
Sei meus gosos escolher;
Sempre folgo, sou ditosa,
Jámais tive despraser.

Não sou rica, mas em troca,
Alimento um casto amor;
Adorada, não imitto,
Os desdens de vão rigor;
Sou ditosa, pois inspiro,
Terna chama ao trovador.

Possuindo tal ventura,
Oh meu Deus eu sou feliz!
Como todos represento,
Meu papel que bem condiz;
Neste mundo sou rainha,
Sou pequena imperatriz.

Fevereiro — 1849. *A. Marques.*

O MEU TUMULO.

(*No Album de Ricardo A. P. Guimarães.*)

.... *kings for such a tomb would wish to die.*

MILTON.

SUSPENSO dos astros, distante da terra,
Distante do mundo, — do seu maldizer —
Nos seios mimosos de nuvem nevada
Brincando nas auras, das auras beijada...
Eu quero o meu túmulo — alli — esconder.

Alli — eu despreso suberbas columnas
De marmor, lavradas por déstro cinzel,
Despreso dos homens as loucas vaidades,
As urnas, os jaspes, os bustos, as grades...
Deitado na nuvem em brando frouxel.

Alli — eu serei o primeiro, que a aurora
Com hymnos saúde de paz, e d'amor;
Que veja por ultimo o sol occultar-se...
Fugindo, fugindo nas aguas banhar-se,
Deixando nos ares da noite o pallor.

Não quero sepulto nas frias entranhas
De terra — vendida — meu corpo guardar,
Sem mais vêr no céu a surrir a *estrellinha*,
Que tanto adorei, que das outras rainha
A noite luzindo me vinha enlevar.

Não quero, que o homem da Patria humilhada
A vís estrangeiros — sem honra — sem fé —
Me cuspa na campa, de mim escarneça,
E escravo surrindo levante a cabeça
A pállida louza calcando co' pé!...

Ayres de Gouvêa.

FIM.

Gabinete Portuguez de Leitura

Supplica 168

ARNALDO ANSELMO FERREIRA BRAGA.

A Pomba 122

AUGUSTO LUZO DA SILVA.

O Meu Viver. 21
O Sol d'uns Olhos 38
Um Logro 59

CLAUDINO PEREIRA DE FARIA.

Sempre Ella 140

JOÃO ANTONIO FERREIRA RANGEL.

Um Anjo 97
Mundo e Eternidade 106
O Sonho dos Meus Sonhos 119
Infancia 186

JORGE ARTHUR D'OLIVEIRA PIMENTEL.

As Saudades do Bardo 22
Uma Hora de Melancolia 60
Fragmentos 93
Ella 101

J. MARCELLINO-MATTOS.

Ultima Vontade 38
Um dia d'Annos 47

JOSE' FRUCTUOSO AYRES DE GOUVEA OSORIO.

A Irmanzinha 80

J. V.

A Descrença 175

LOUZADA.

Por Ella 172

MANOEL JOSE' DA SILVA ROZA JUNIOR.

Frei João o Eremita 2
Um Beijo 16
A Uns Annos.. 19
A Cruz do Eremiterio 33
Os Olhos do Meu Amor 39
Canto da Primavera.. 43
O Lyrio do Prado 51
A Minha Vida 56
O Ninho da Gaivota.. 65
A Uma Rosa Branca 71
A Minha Esperança.. 84
A Minha Pomba 99
A' Minha Lyra 113
A Existencia da Mulher 123
A Mariposa 129
O Suspiro Mensageiro 147
Uma Hora a Pensar N'ella 162
O Sarau 177
Olha-me 188

M. J. X. SOUZA GUIMARÃES.

O Roubo da Dalia 139

T. AUGUSTO

Era Tão Linda 160

ERRATAS.

Pag.	Verso	Erros.	Emendas.
16	19	Como ama	Qual ama:
27	27	Ohos	Olhos.
29	7	Olhor	Olhar.
33	19	Orchanjo	Archanjo.
34	1	A sus	A seus.
43	15	Celestre	Celeste.
44	4	Beijan do	Beijando.
45	19	Sepulchro de Christo	Sepulchro do Senhor.
52	11	Susurante	Susurrante.
60	2	Ea	Eu.
67	15	Encrepadas	Encrespadas.
72	26	Par	P'ra.
85	1	Bondoso	Bondadoso.
83	21	Tu és meiga	Tu és tão meiga.
”	27	Ao menos a mensageira	Ao menos mensageira.
92	31	Acocarado	Acordado.
95	3	Perfumador	Perfumada.
101	13	Arrulho	Arrulhos.
104	24	Anjelical	Angelical.
111	11	Amarellada	Amarella.
117	3	Tranparecem	Transparecem.
141	30	Maria	Diz Maria.
153	1	Eevas	Elevas.
”	19	Faza-la	Faze-la.
154	14	Tabios	Labios.
”	”	Conação	Coração.
161	3	Solta e resolta	Salta e resalta.
182	26	Docura	Doçura.
188	25	Amas-te-me descuidosa	Olhas-te-me descuidosa.